

Paulo,
o Apóstolo no Divã

E l i o G o n ç a l v e s

Paulo,
o Apóstolo no
Divã

 THEOS

EDITORA MULTIFOCO

Rio de Janeiro, 2014

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

REVISÃO Drº Elio Gonçalves (Psicanalista Paulino)

CAPA E DIAGRAMAÇÃO Wallace Escobar

Paulo, o Apóstolo no Divã

GONÇALVES, Elio

1ª Edição

Junho de 2014

ISBN: 978-85-8273-843-6

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

Prefácio do autor

Ao me propor a escrever uma obra biográfica e analítica sobre a pessoa do apóstolo Paulo, a intenção foi a de apresentar sob luzes diferentes um personagem simultaneamente grandioso e complexo, uma das pedras fundamentais do cristianismo. Nessa escrita, optamos por uma narrativa sóbria, não romanceada, baseada com exclusividade nos únicos documentos conhecidos que abordam a vida de Paulo: Os Atos dos Apóstolos e as Epístolas. A bibliografia sobre o assunto que lemos e aproveitamos é aquela que está ao alcance de qualquer leitor médio; as conclusões sobre estas leituras, entretanto, são de nossa exclusiva responsabilidade.

Por não sermos um scholar com formação teológica, nem defendermos qualquer tipo de exclusivismo sobre a mensagem paulina, mantivemos sempre a mente aberta, procurando continuamente enxergar nas entrelinhas tudo que não estivesse matizado por interpretações forçadas, mas que pudesse impor sua evidência unicamente em virtude dos fatos. Não queremos apresentar Paulo como um personagem misterioso; ao contrário, queremos mostrar a face cristalina de um personagem histórico que viveu com intensidade uma época marca-

da por mudanças dramáticas na consciência dos povos. Infelizmente, a leitura dos documentos que referimos não permite perceber a dinâmica da vida nesta época; a história é condensada, e os personagens ficam reduzidos a uma unidimensionalidade que empobrece o conteúdo real de suas personalidades individuais. A nós nos resta apenas tentar recompor um mosaico complexo, um verdadeiro quebra-cabeças do qual não sabemos qual era a figura completa, e ao qual faltam diversas partes importantes.

Se minha tentativa valeu a pena, apenas meus professores e mestres dirão.

I – A vida civil

De Saulo a Paulo

Saulo, porém, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao Sumo Sacerdote, e pediram-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, caso encontrasse alguns do Caminho, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu; e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te cumpre fazer. Os homens que viajavam com ele quedaram-se emudecidos, ouvindo, na verdade, a voz, mas não vendo ninguém. Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via coisa alguma; e, guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco (At. 9,1-8).

Paulo, nascido com o nome Saulo (Shaul, em hebreu), é uma das figuras mais complexas do Novo Testamento. Ele nasceu em Tarso (Tersos) na Cilícia, por volta do ano cinco da era cristã. Esta cidade situava-se

aos pés das montanhas do Tauro, ao sul da Turquia, na margem do Cidno. Era um importante centro comercial e mercantil, além de sede de uma das grandes universidades da época. Além de próspera, os habitantes da cidade tinha o privilégio da cidadania romana sem os inconvenientes de uma ocupação militar; esta cidadania, de certa forma, foi de valia para Paulo, em vários momentos de sua vida.

Sua infância não é bem conhecida pelos biógrafos, mas sabe-se que ele foi criado na tradição judaica e conhecia bem as lendas e tradições de seu Tarso, antiga colônia fenícia, foi altamente helenizada sob os Selêucidas. Sob Antônio, tornou-se cidade romana e capital da província romana da Cilícia. Em At 22,28 Paulo afirma que tem sua cidadania romana em virtude de seu nascimento. Os fariseus eram extremamente meticulosos no cumprimento da Lei, e Saulo foi criado neste judaísmo severo; portanto, legalmente era um fariseu. Pertencia à linhagem israelita, da tribo de Benjamim. Sua família era de artesãos, fabricantes de tendas. Saulo falava o grego, o hebraico mishinico e o aramaico. É provável que tenha frequentado a universidade, porque conhecia bastante da filosofia estoica e cínica, bem como a cultura helenística, de um modo geral. Os fariseus eram uma das três grandes seitas judaicas da época; as outras eram os saduceus e os essênios. A seita dos fariseus, cujo nome provém do nome perash, que quer dizer “sepa-

rados”, defendiam a tradição oral e o rigoroso cumprimento da pureza sacerdotal. Eles acreditavam na providência divina e admitiam o livre arbítrio. Acreditavam também – em oposição aos saduceus – na sobrevivência da alma e na recompensa após a morte. Os mais sábios procuravam interpretar a Lei (Torá), e foram de sua classe que se originaram os rabinos. Em virtude de sua arraigada adesão à tradição, opuseram-se com violência aos ensinamentos de Jesus, o que explica o zelo fervoroso de Saulo contra os cristãos. Os saduceus – classe que devia prover os sacerdotes legítimos do Templo, embora isto nem sempre tenha ocorrido – e cujo nome provém de Sadoq, eram de tendência helenística e pertenciam à alta aristocracia. Possuíam uma tradição (halaká) baseada unicamente no Pentateuco. Não aceitavam facilmente os profetas e seguiam estritamente a Torá (a “estrita observância”), no que se refere ao culto e ao sacerdócio; eram, então, bastantes conservadores em matéria legal e ritual, não admitindo interpretações da Lei. Contra os fariseus, negavam a imortalidade da alma e a ressurreição. Representavam o poder, a riqueza e a nobreza.

Para eles, a santidade e a pureza só se exigiam no recinto do Templo. Os essênios, (eseos ou essenoi), por sua vez, eram uma seita esotérica (ou seja, cujos ensinamentos se destinam apenas aos “iniciados”), ligada ao gnosticismo e a vários movimentos esotéricos batistas, na Síria e na Palestina. Sofreram forte influência dos

mistérios órfico-pitagóricos e do neopitagorismo (Josefo diz que sua forma de vida imitava o que os gregos aprenderam de Pitágoras). Eram bem mais rigorosos que os fariseus e saduceus, tanto em seus ensinamentos religiosos quanto em seu estilo de vida, dominado pelo ascetismo (abstinência, autodisciplina, modéstia, discrição e pureza corporal e espiritual). Outras facções judaicas conhecidas eram os “zelotes”, ou “zeladores”, ou “sicários”, que não formavam uma seita religiosa, e sim um movimento político clandestino que lutava contra a dominação do Império de Roma; e os levitas, descendentes de Levi, terceiro filho de Jacó, aos quais cumpria exercer tradicionalmente o sacerdócio e outras funções pertinentes ao culto, bem como cuidar da vigilância do santuário.

O estoicismo foi fundado por Zenão, por volta de 300 A.C. e sua linha de pensamento afirmava o primado da moral sobre os problemas teóricos. Tinha por meta uma vida contemplativa, distante dos problemas e cuidados da vida comum. Punha a razão acima das emoções e dizia que o mundo e todas as coisas deste são regidos por uma Razão divina, segundo uma ordem necessária e perfeita. O estoicismo romano (com Epíteto) é uma das primeiras manifestações filosóficas pela qual se colocava como meta fundamental a salvação da alma. A escola cínica, por sua vez, afirmava que o único fim do homem era a felicidade, e que esta estava unicamente na virtu-

de. Desprezavam as comodidades e os prazeres da vida comum, bem como as convenções humanas, em geral. A filosofia judaica, que Paulo com certeza conheceu, sofreu forte influência do neoplatonismo, do aristotelismo e do Apóstolo Paulo no divã.

Aliás, a cidade de Tarso, nesta época, era famosa por seus mestres de filosofia. Estrabão chegava a colocá-la acima até de Atenas e de Alexandria, e o famoso filósofo Atenodoro, que foi instrutor do imperador Augusto, nasceu lá.

Além das práticas religiosas judaicas, é provável que Saulo conhecesse também algo dos chamados mistérios que eram cultos fechados aos profanos. Estes cultos antigos estavam espalhados por toda a região; havia, dessa maneira, múltiplas influências religiosas na cidade, mas Saulo era bastante apegado à sua tradição religiosa, e não se deixou influenciar. Como faziam todos os pais que se interessavam pelo futuro de seus filhos, também os pais de Saulo resolveram que ele se tornaria um rabino. Sendo assim, com 14 anos ele foi mandado para Jerusalém. Lá, onde morou na casa de sua irmã, a sua educação foi completada pelo médico grego Gamaliel, discípulo de Hillel. Seus estudos com Gamaliel e sua familiaridade com a lei de Moisés o levaram a inflamar o seu zelo contra os “Sectários do Caminho”, como eram chamados os seguidores de Jesus. Não se sabe se Saulo estava em Jerusalém, por ocasião do julgamento e cruci-

ficção de Jesus. Mas ele sabia muito bem da existência dessa nova seita, e o seu furor voltou-se contra ela. Em razão da rápida conversão de cerca de três mil pessoas, devido a uma pregação de Pedro logo após a crucificação, a intolerância contra os convertidos aumentou, e Saulo logo se colocou à frente dos arrebatados fariseus perseguidores.

Início das Perseguições

Foi por esta época que ocorreu o episódio da lapidação de Estevão (ou Estevam). Este era um jovem seguidor dos ensinamentos de Jesus, capaz de grandes prodígios em meio ao povo. Foi um dos sete diáconos escolhidos pelos apóstolos, mas sua escolha irritou os judeus helenistas, e Estevão foi colocado, contra a própria vontade, em uma árida discussão na sinagoga. Mas seu “saber e espírito” mostraram-se superiores, e seus adversários não puderam vencer sua eloquência. Humilhados, estes pitagorismo (com os essênios), quando entrou em contato com o helenismo, no século II antes de Cristo. Entre os ritos de mistérios mais conhecidos, temos: os de Deméter, em Elêusis; o de Dionísio e a doutrina órfica; os de Cibele e Átis; de Ísis e Osíris; de Adônis e de Mitra.

Paulo: O Último Apóstolo buscou uma desforra. Perpetrou-se uma falsa acusação com o apoio de falsas testemunhas, e Estevão foi preso e levado ao conselho. Talvez ele pudesse se salvar se não tivesse acusado seus perseguidores de terem matado um justo, que era Jesus Cristo. Em uma longa peroração, Estevão rememorou a história dos judeus a partir de Abraão até Salomão, para no fim acusar os judeus de serem “duros de cer-

viz, incircuncisos de coração e de ouvidos” e resistentes ao Espírito Santo. Tomados de ira, seus acusadores o levaram para fora da cidade, onde ele foi executado por lapidação. Saulo, tudo leva a crer, participou desta execução. Talvez em razão desse episódio, e convencido de que os cristãos laboravam em erro, ele foi tomado por um frenesi de ira e exaltação religiosa e passou a percorrer as ruas da cidade, levando para a prisão todos aqueles que hesitassem em afirmar com convicção a sua crença judaica. Em seguida, crendo que era sua missão pessoal realizar a perseguição aos “hereges” cristãos, ele solicitou às autoridades religiosas que o mandassem a Antioquia, onde pretendia prosseguir com sua sistemática campanha contra eles. Isto ocorreu por volta de dois anos após a crucificação de Jesus. Foi nesta época de sua vida (teria entre 29 e 30 anos) que Saulo tornou-se bastante conhecido, tanto entre os judeus quanto entre os cristãos, por sua sanha perseguidora. At. 6,8 a 7,50. Nesta época, as penas de morte, ou execuções legais realizadas pelos judeus eram: abrasamento, estrangulamento, lapidação, decapitação. As questões civis e penais eram julgadas pelo Sinédrio (Sanedrim ou Sinedrim), que podia ser o Grande Sinédrio (ou Sinédrio Maior), com 71 membros, ou o Pequeno Sinédrio (ou Sinédrio Menor), com 23 membros, tudo conforme a gravidade da questão. Tanto Estevão, em 35 ou 36 da era cristã, quanto Tiago, no ano 62, sofreu execução por

lapidação. Os especialistas divergem na questão da autonomia do Sinédrio, quanto à aplicação de penas capitais. Alguns afirmam que o Sinédrio tinha capacidade para aplicá-las; outros, entretanto, afirmam que a pena deveria ser confirmada pelo procurador romano, e só depois realizar-se-ia a execução. Embora o texto bíblico seja vago neste ponto, o fato é que Estevão passou por um processo legal (jurídico), e a sua pena só foi executada de imediato devido ao fato de Pilatos não estar em Jerusalém, na época, porque tinha sido enviado a Roma por Vitélio (na época de Tiago, também o procurador Félix havia sido substituído, e o novo procurador, Pórcio Festo, ainda não chegara a Jerusalém). Para Estevão, acusado de blasfêmia, a pena era a morte por lapidação (apedrejamento), que era a mais dura. No caso de Cristo, o foro passou à esfera romana, cuja apelação era a crucificação. At 7,58; At 8,1; At 22,20. Havia uma Antioquia na Síria e outra na Pisídia (a província romana da Galácia abrangia a Pisídia, a Frígia e a Licaônia). (Na Pisídia ficavam as cidades de Antioquia, Icônia, Listra e Derbe). Na estrada para Damasco, viajando à tarde, em certo momento de sua caminhada, estando imerso em seus próprios pensamentos, ele foi repentinamente atingido por uma espécie de visão, uma luz formidável que o derrubou ao chão e o cegou de imediato. Prostrado por terra, com seus companheiros confusos e sem saberem o que fazer, ouviu as seguintes palavras

(em hebraico): “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Paulo, desorientado, perguntou: Quem és, Senhor? E ouviu em resposta: Eu sou Jesus, a quem persegues. Mas levanta-te, e entra na cidade, e ser-lhe-á dito o que hás de fazer. Ainda confusos, seus companheiros (que nada viram nem ouviram) o carregaram para a casa de tal Judas, em Damasco, onde permaneceram três dias sem nada enxergar, tamanho fora o brilho que o ofuscara.

A Conversão

Morava em Damasco um seguidor da fé cristã, por nome Ananias. Ele teve uma visão na qual era lhe solicitado que fosse à casa de Judas, para encontrar e curar Saulo. Muito apropriadamente, Ananias, que conhecia a fama daquele, ponderou que Saulo não seria merecedor, devido aos males que causara. Mas em visão, o Senhor respondeu que Saulo era “um vaso de eleição”, escolhido para levar Seu Nome às nações. Ananias prontamente cumpriu as ordens, e dirigiu-se à casa de Judas. Lá, impondo as mãos em Saulo, saíram umas como que escamas, e este recobrou a visão. Em seguida, tomou alimento e foi batizado pelo próprio Ananias. As consequências deste acontecimento foram dramáticas. Atingido em seu âmago por aquela visão, Saulo, extremamente religioso que era, percebeu a extensão de seu erro, e se arrependeu. Ele, que era extremamente rígido, intolerante e aferrado às suas próprias convicções, mudou a partir daí, de tenaz perseguidor dos seguidores do mestre Jesus em seu mais dedicado prosélito. A experiência acontecida na estrada para Damasco, um fenômeno misterioso que poderia ser categorizado. Este episódio é narrado em três ocasiões: em At 9,3-9; em At 22,6-16; e em At

26,12-18 (onde especificamente se diz que ele é enviado “aos gentios”). Apóstolo Paulo no divã como “milagre”, foi capaz de derrubar todas as suas antigas crenças e reorientá-lo como um fiel seguidor da nova seita. Após recuperar-se, Saulo começou a pregar em Damasco, e suas ações provocavam um enorme espanto naqueles que o tinham conhecido anteriormente. Os judeus da cidade procuravam continuamente confrontá-lo, mas ele os vencia em sua dialética. Furiosos, estes tramaram matá-lo. Avisado por amigos, que o ajudaram a escapar, Saulo voltou para Jerusalém. De início, em razão de sua fama anterior, os discípulos o temeram, crendo que ele não fosse sincero em sua conversão. Mas Barnabé (também Barnabés), que era seu amigo, o levou até eles e defendeu sua causa, afirmando que ele pregara o nome de Jesus em Damasco. Pregando em Jerusalém, novamente sua vida esteve em perigo, e ele foi levado a Cesárea, e daí de volta para Tarso. Paulo, o apóstolo quase gnóstico, enche suas cartas de declarações que indicam que, apesar de ter sofrido uma dramática metanóia, ele considerava essa experiência de conversão o princípio e não o glorioso fim do seu crescimento espiritual. Ele declara que ‘morre diariamente’, que ‘se esforça adiante’ em direção ao ‘que está à frente’ no sentido espiritual, que ‘persiste rumo à meta (Stephan A. Hoeller, *A Gnose de Jung*, pág. 137). Lucas menciona em At 9,25-26

que Saulo voltou para Jerusalém, o próprio Saulo, no entanto, assevera em sua Epístola aos Gálatas (1,17) que foi primeiro à Arábia (onde teria meditado algum tempo no deserto), depois para Damasco, e só então (após três anos) foi de volta para Jerusalém, onde se encontrou com os discípulos.

II – A vida religiosa

Início da Pregação

Em razão do episódio de Estevão e das perseguições desencadeadas principalmente por Saulo, vários convertidos tiveram que fugir para a Fenícia, Chipre e Antioquia. Aonde chegavam, iniciavam a pregação cristã entre os judeus estrangeiros. Entretanto, houve outros que também começaram a pregar aos gregos, conseguindo sua conversão. Barnabé foi enviado a estas regiões para ver de perto o que estava acontecendo, e ele maravilhou-se com tudo aquilo. Por esta ocasião, Saulo estava em Tarso e foi procurado por Barnabé. Este, que se lembrava do modo como Saulo pregara em Damasco, decidiu que ele seria a pessoa certa para levar consigo, e pediu-lhe que o acompanhasse. Este, que já era grande amigo de Barnabé, não se furtou a ajudá-lo. Barnabé contou-lhe então do entusiasmo com que os gregos aceitavam o evangelho, e como correrá até lá para investigar o assunto. Os deslocamentos na Palestina, embora as distâncias não fossem grandes (de Jerusalém a Damasco, por exemplo, a distância a ser percorrida era de cerca de 180 quilômetros), eram árduos, de um modo geral. Havia cinco rotas principais, usadas por viajantes

ou caravanas: a estrada da costa, que unia a Fenícia com o Egito, e passava por Gaza, Asquelon, Ashdod, Jopa e Cesaréia, indo até o Líbano, no norte; em Acra um ramal ia até os montes da Galiléia, e seguia até Citópolis (Scythópolis, antiga Beth-Sean). Talvez a rota principal fosse a chamada Via Maris (“caminho do mar”) que ia do Egito até a Mesopotâmia; ela começava em Jopa, e em Pirathon dividia-se em três ramais: um para o norte, outro para o nordeste (passando por Meggido, indo até Migdal e Tiberíades), e o outro ramal ia por Engannin até unir-se ao segundo ramal, perto do monte Tabor. Havia também a estrada central, na cordilheira de Samaria, que era bastante escarpada, e da qual um trecho unia o mar. Mediterrâneo a Jerusalém. Depois havia a estrada do Jordão, e por último, a chamada “senda do deserto”. Havia duas rotas entre Betsaida e Jerusalém. A mais usada seguia pelas povoações de Kursi e Hippos, pela orla oriental do lago de Genezaré, por Gadara e Pela; prosseguindo pela margem do Jordão, ia-se a Betsara (na Peréia) e por fim a Jericó, Betânia e Jerusalém. Outra rota, por cruzar a Samaria, era menos usada. Nesta época havia também várias vias romanas (que se começaram a construir no século 4 a.C.), e que se podiam usar por toda a região da bacia do Mediterrâneo. Uma delas iniciava na cidade helenizada de Citópolis e corria para a direção nordeste. Estas vias romanas eram pavimentadas, bem cuidadas e vigiadas, e constituíam

uma forma segura de viajar. Além disso, havia albergues e hospedadas em Antioquia, após cerca de um ano de pregação, eles já podiam dizer que a sua missão tivera grande êxito. Foi então que o termo “cristão” começou realmente a entrar em voga. Sob o governo de Cláudio sobreveio uma grande fome na região da Judéia, o que havia sido vaticinado por um profeta chamado Ágabo. Os discípulos reunidos em Antioquia fizeram uma coleta e resolveu que o dinheiro recolhido seria enviado em auxílio a Jerusalém, levado por Barnabé e Saulo. Em Jerusalém os apóstolos estavam em Concílio, e Saulo teve nele uma grande participação. Durante este Concílio, e de acordo com a orientação deixada por Jesus, os apóstolos decidiram levar ao resto do mundo a chamada “Boa Nova”: a ressurreição de Cristo e a existência de um Deus único. Saulo e Barnabé foram incumbidos de pregar este evangelho ao mundo pagão do ocidente. Foi nesta época, por volta do ano 44 (ou 45) que Saulo (Paulo) deu início às suas famosas Viagens Apostólicas.

Primeiras Pregações

Paulo e Barnabé foram incumbidos de dirigir-se à ilha de Chipre, em missão de pregação da fé cristã. Eles partiram por volta do ano 45 de desde os melhores até os piores – bastante utilizados pelos estrangeiros que visitavam a região. Havia também mudas de cavalos, mais utilizadas por romanos. Quando Paulo iniciou suas viagens, algumas delas se faziam por terra, e outras eram por via marítima; destas últimas, nem todas eram seguras ou estavam a salvo de tempestades (em 2 Coríntios 11,25, Paulo diz que sofreu três naufrágios). Devido ao mau tempo, algumas rotas marítimas só eram percorridas em períodos específicos do ano (pelo Mediterrâneo, a época mais segura para viajar era entre 26 de maio e 14 de setembro). Na sinagoga havia vários gregos, que tinham adotado o judaísmo. E foi entre eles que Paulo iniciou sua pregação. O fato de pregar a gentios convertidos trouxe um problema, que de início aborreceu Paulo. Como ele deveria proceder com esses e com os gregos não convertidos? Converter inicialmente ao judaísmo, e em seguida à crença cristã? Este dilema criou uma longa e amarga controvérsia, que somente aos poucos seria solucionada. Em At 11,28. Este é o mesmo profeta que vem alertar Paulo, em época posterior, a não seguir para

Jerusalém, pois que sofreria perseguições (At 21,10). Em At 13, há uma confusão quanto ao seu nome. Lucas (redator reconhecido do texto) não informa quando ele, Saulo, passou a ser chamado de Paulo. De início chama-o de Saulo, e em At 13,9 começa a chamá-lo de Paulo. Pregaram por todas as sinagogas, indo de Salamina até Pafos, em uma extensão de 150 quilômetros. Pafos foi o local onde ocorreu o incidente com o pro cônsul Sérgio Paulo. Havia um mago na cidade, por nome Bar Jesus, ou Élimas, que se opunha à pregação de Paulo e Barnabé. Quando o pro cônsul chamou os apóstolos, fez tudo para desacreditá-los. Foi então que Paulo, olhando-o nos olhos, falou: “Ó homem cheio de todo engano e de toda maldade, inimigo de toda justiça”! Não cessarás de torcer os retos caminhos do Senhor? “Agora mesmo a mão do Senhor cairá sobre ti, e ficará cego, sem veres a luz do sol por certo tempo”. Na mesma hora o mago ficou cego, sem nada poder ver, e o pro cônsul ficou verdadeiramente maravilhado com este prodígio. De Pafos dirigiram-se ao continente, desembarcando na Atália, perto de Perge (ou Perga), de onde foram para Antioquia de Pisídia, que distava 160 quilômetros. João Marcos, que os acompanhara, talvez desanimado com as dificuldades que se avizinhavam, resolveu voltar dali. Somente Paulo e Barnabé foram em frente. Chegando à cidade dirigiram-se à sinagoga, onde Paulo discursou e pregou com tamanho sucesso que no sábado seguinte

toda a cidade queria ouvi-lo. Isto encheu de indignação e de inveja os judeus locais, que passaram a insultá-los e acabaram expulsando-os da sinagoga. Foi nessa ocasião que Paulo tomou uma decisão que iria marcar o resto de seu apostolado, e deixá-lo conhecido pelo nome de “Apóstolo dos Gentios”, ou “Apóstolo das Gentes”. Dirigindo-se aos judeus, increpou-os: “A vós devíamos falar em primeiro lugar a palavra de Deus, mas visto que a rejeitais e vos julgais indignos da vida eterna, volver-nos-emos para os gentios”. Daí em diante, por cerca de um ano, Paulo pregou ao ar livre ou em casa de convertidos, e somente para os gentios. Daí dirigiu-se eles para Icônio, a 150 quilômetros de Antioquia, onde durante certo tempo conseguiram um grande número de conversões entre os judeus e gregos da sinagoga. Mas a sua pregação não deixava de provocar tumulto, e os habitantes se dividiam entre os simpatizantes dos judeus e os simpatizantes dos apóstolos. Ameaçados de apedrejamento. Na época utilizava-se ou o calendário judaico, iniciado em 3761 a.C., ou o calendário romano, iniciado com a fundação de Roma, em 753 a.C. Em 1885, o professor inglês J. R. Sitlington Sterett descobriu nas escavações realizadas na cidade de Pafos, em Chipre, uma inscrição romana onde se podia ler o nome deste procônsul. At 13,46. Posteriormente, também em Corinto (At 18,6) Paulo volta-se aos gentios, devido à rejeição dos judeus da sinagoga fugiram para as regiões vizinhas e as cidades

de Licaônia, Listra e Derbe, onde continuaram a pregar. Em todos os lugares, e apesar dos prodígios que realizavam, ou talvez em razão deles, sofriam a rejeição pela sinagoga ou acabavam sendo mal interpretados. Em Listra chegaram a serem comparados aos deuses Mercúrio (Paulo) e Júpiter (Barnabé), o que motivou um burlesco episódio por parte dos locais, que queriam fazer sacrifícios em honra dos dois. Quando descobriram o que estava acontecendo, eles disseram: “Homens, o que fazeis”? “Nós somos homens iguais a vós, e vos pregamos para que abandonem estes falsos deuses, convertendo-vos para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há” (At 14,15). Os judeus de Antioquia e Icônia, sabedores dos seus sucessos, foram até Listra e acabaram convencendo aos seus habitantes que os apóstolos não passavam de farsantes. A turba, enfurecida, arrastou Paulo para fora da cidade e o apedrejou. Timóteo e Barnabé levaram o seu corpo inerte e o trataram de suas feridas. Apesar de tudo, sua obra prosperou. Fizeram muitos discípulos, e por onde passaram, organizaram comunidades e congregações, deixando presbíteros tomando conta de cada uma. Nesta região da Ásia Menor, onde por três anos Paulo e Barnabé tiveram um intenso labor missionário, eles encontraram, de um lado, a alegria da conversão sincera, e de outro, a contínua e desgastante oposição dos judeus, que sempre acabavam conseguindo a sua expulsão, onde quer que estejam.

Para Paulo, era cada vez mais intensa a sua convicção, a de que deveria pregar unicamente para os gentios, deixando de lado os judeus. Dando por acabada a sua missão eles voltaram a Antioquia, tendo antes passado por Panfília e a Atália. As comunidades e congregações formadas inicialmente por Paulo não tinham o sentido de “igreja”, tal como a entendemos modernamente. Estas comunidades eram constituídas por adeptos, “batizadas no espírito”, que formavam uma espécie de confraria. Tais adeptos não eram meros frequentadores e ouvintes de sermões; eles se comprometiam integralmente por uma mudança interior, de uma vida mundana de pecado para uma plena vivência mística e espiritual. Vendiam seus bens, que eram tomados em comum por todos. De certa forma, as primeiras comunidades cristãs adotavam o estilo de vida essênio, de vida comunal e regada por preceitos espirituais. Pelas epístolas de Paulo, ficamos sabendo que nem todos os convertidos tinham um comportamento reto e espiritual, e Paulo incita os congregados à expulsão dos corruptos (por exemplo, em 1 Cor 5,2 e 5,7).

O Problema das Conversões

Foi por esta época que o problema de como fazer as conversões tomou um rumo não imaginado. Alguns prosélitos acreditavam que a pregação devia ser feita apenas entre os judeus; outros, entre os gregos convertidos ao judaísmo; e outros ainda, aos gentios. A questão da circuncisão se tornou um grave problema, pois que alguns pregadores vindos da Judéia ameaçavam os convertidos, dizendo-lhes que, “se não vos circuncidardes conforme a Lei de Moisés não poda ser salvos”. Paulo e Barnabé se opunham a esta interpretação, e a querela acabaram tomando tal vulto que os dois foram enviados de volta a Jerusalém, para poderem consultar os discípulos a este respeito. Atravessaram a Fenícia e a Samaria e chegaram a Jerusalém, sendo recebidos pelos presbíteros e apóstolos, a quem narraram seus sucessos de pregação, bem como o problema da circuncisão. A este respeito, foram advertidos pelos fariseus convertidos sobre a necessidade da observância da Lei de Moisés. Entretanto, foi necessário reunir-se o Concílio, tal a gravidade da questão. Houve uma longa deliberação, na qual falaram Pedro, Paulo, Barnabé e Tiago. Por fim, após longas controvérsias decidiram de acordo as palavras dos profetas Jeremias 22 e Amós 23 sendo de seu parecer que “não se

molestassem aqueles”. Nesta primeira viagem, Paulo foi até Antioquia por terra, de onde foi por via marítima para Chipre. Daí foi novamente por mar para Perge, e por terra para Antioquia de Pisídia, Icônio, Listra, Derbe, Atália, por mar de volta para Antioquia, e por terra para Jerusalém. Neste Concílio houve concessões mútuas, quanto ao modo de proceder com os gentios. Entretanto, foi daí que surgiram as sementes da dissociação que aconteceria entre os partidários de Cefas (Pedro) e os partidários de Paulo. Em época posterior, a pregação deste viria a ser contestado, o que motivou que escrevesse a Segunda Carta aos Coríntios, onde ele, por sua vez, repudia os falsos apóstolos. Quanto a Cefas, sua conduta quanto aos gentios, de acordo com Paulo, era contraditória e “condenável”, (conforme Gal 2,11-14), o que por sua vez contradiz o que este próprio afirma em 1 Cor 9,20: “e me faço judeu com os judeus a fim de ganhar os judeus”. A atitude de Paulo neste episódio talvez se explique pelo fato de que ele considerava Pedro o apóstolo dos “circuncisos”, enquanto que ele próprio o era dos gentios (conforme Gal 2,7-8). Assim diz o Senhor acerca de todos os meus maus vizinhos, que tocam a minha herança que fiz herdar ao meu povo Israel: Eis que os arrancarei da sua terra, e a casa de Judá arrancará do meio deles. E depois de havê-los eu arrancado, tornarei, e me compadecerei deles, e os farei voltar cada um à sua herança, e cada um à sua terra (Jer 12,15). “Naquele

dia tornarão a levantar o tabernáculo de Davi, que está caído, e repararei as suas brechas, e tornarei a levantar as suas ruínas, e as reedificarei como nos dias antigos; gentios que se converteram a Deus, mas que se lhes escreva que se abstenham das contaminações dos ídolos, das fornicações, das carnes sufocadas e do sangue”. Foi então emitido um decreto apostólico com estas recomendações, e novamente Paulo e Barnabé, agora acompanhados de Judas, chamado Barsabás, e de Silas (ou Silvano), foram enviados a Antioquia para comunicar a decisão do Concílio.

Novas Viagens

Em Antioquia Paulo convidou Barnabé para darem continuidade à sua missão. Barnabé queria que João, chamado Marcos, os acompanhasse, mas Paulo temia que este os abandonasse no caminho, como já fizera antes. Desgastado, Barnabé preferiu seguir com João, enquanto Paulo prosseguiu com Silas, em sua segunda viagem missionária. Foram então para a Síria e a Cilícia. Em Listra Paulo encontrou um discípulo chamado Timóteo, que era filho de uma mulher judia crente, e de pai grego. Motivado pela reação dos judeus da região, extremamente tradicionalistas, Paulo ignorou o decreto que conduzia e procedeu à circuncisão de Timóteo, o que ia contra as suas próprias convicções. Em outras cidades, contudo, não se furtou a comunicar o decreto, nem fez novas circuncisões. Foram em seguida para a Frígia e para a Galácia. Nesta ocasião foram proibidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia. O mesmo para a região da Bitínia. Por essa razão, passando ao largo de Mísia, eles continuaram até Tróade. Ali, Paulo recebeu em visão uma convocação para que eles possuam o resto de Edom, e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas (Am 9, 11-12). At 15,19-20. Nota-se aqui que mesmo nesta decisão,

persistiam vestígios dos costumes judaicos, tais como, por exemplo, evitar a carne de animais de casco fendido. Havia duas Galácias, a do norte, na Ásia Menor, formada pelas antigas tribos gálicas (célticas) e a Galácia do sul, onde se encontravam as cidades de Listra, Icônio e Derbe. Há divergências quanto à região efetivamente mencionada no texto, para a qual os apóstolos se dirigiram. Ásia Pro consular, formada em 133 a.C. a partir do reino do último rei de Pérgamo e que compreendia as seguintes regiões: Mísia, Frígia, Lídia e Cária. As dificuldades que Paulo encontraria neste senhor provavelmente impediriam que ele dirigisse seus esforços aos povos que efetivamente evangelizou. Embora fosse o “vaso de eleição” do Senhor, e destinado a levar a Sua Palavra às nações, não competia a Paulo pregar entre estes povos para irem até a Macedônia. Embarcaram em Tróade e foram para a Samotrácia. Dali para Neápolis, que foi onde ocorreu o episódio com a mulher pitonisa. Nesta cidade, ficaram na casa de uma mulher que se convertera e fora batizada, Lídia. Ocorre que lá ficando, quando saíam para a oração eram seguidos por uma mulher que, em virtude de suas adivinhações, proporcionava grandes ganhos aos seus amos. Esta mulher costumava seguir os apóstolos, e então, em altos brados proclamava que eles eram os servos do Senhor altíssimo que tinham vindo anunciar o caminho da salvação. Como isto ocorria todos os dias, Paulo acabou por ficar incomodado. Voltan-

do-se para a mulher exortou em nome de Jesus Cristo para que o espírito pitônico²⁹ a deixasse, o que de fato ocorreu. Os amos da mulher, sentindo que perdiam os seus ganhos, denunciaram os apóstolos aos magistrados. Este ordenou que fossem açoitados e presos em seguida. Atual Cavala, cidadezinha pesqueira, primeiro ponto do continente europeu pisado por Paulo. O caminho para a Macedônia passava pelo antigo caminho romano chamado Via Egnatia. Observe-se como o relato em At 16,9-10 torna-se, de impessoal, para a primeira pessoa do plural. Estas variações ocorrem também em At 20,2 (e adiante) e de novo em At 27 e 28. Acredita-se que isto ocorra quando Lucas participa efetivamente dos eventos. Píton era o nome do dragão morto pelo deus Apolo. As pitonisas eram mulheres adivinhas, capazes de prever o futuro através de sentenças sibilinas. Os judeus se opunham aos adivinhos (a pena para estes era a lapidação), mas não aos videntes (profetas). Aliás, o profetismo, que no fundo é também uma forma de adivinhação, permeia intensamente o Antigo Testamento da Bíblia. Os profetas bíblicos, muito mais do que intérpretes do futuro (algo impensável para quem não possuía o conceito de história e de evolução – sua única interpretação do futuro era escatológica), eram na verdade intérpretes ou intermediários da vontade divina, e como tal se comportavam, quando se dirigiam aos seus contemporâneos. Também quando se procurava saber quais eram os de-

sígnios de Deus, o profeta, ou vidente, era procurado com este objetivo, conforme se pode ler em Samuel (1 Sm 9,9): Antigamente em Israel, quem fosse consultar a Deus, dizia: Venha, vamos ao vidente. Porque o que hoje [à época] se chama “profeta”, era então chamado “vidente”. Mas não é apenas no Antigo Testamento que se fazem referências aos profetas. Paulo escreveu: Segui a caridade, procurai com zelo os dons do espírito, e acima de todos, os da profecia (1 Cor 14,1). A profecia, então, seria uma manifestação e um chamado de Deus, conforme diz Amós: E o Senhor me pegou, quando eu conduzia meu rebanho, e falou-me: Vai, profetiza ao meu povo de Israel (Am 7,15). E mesmo quando existe a condenação à profecia: Assim diz o Senhor dos exércitos: Não deis ouvidas as palavras dos profetas, que vos profetizam a vós, ensinando-vos vaidades; falam da visão do seu coração, não da boca do Senhor (Jer 23, 16), isto decorre da corrupção destes: Mas nos profetas de Jerusalém vejo uma coisa horrenda: cometem adultérios, e andam com falsidade, e fortalecem as mãos dos malfeitores, de sorte que não se convertam da sua maldade; eles têm-se tornado para mim como Sodoma, e os moradores dela como Gomorra (Jer 23,14). À noite, na prisão, estando em oração Paulo e Silas, ocorreu repentinamente um forte terremoto, o qual abalou toda a estrutura do prédio e rachou suas paredes. Achando que seus prisioneiros tinham aproveitado para fugir, o

carcereiro pretendia matar-se, por temer a reação das autoridades. Percebendo o seu intento, Paulo, em meios à poeira e escombros, gritou para alertar que eles ainda estavam lá. Trêmulo e comovido, o carcereiro aproximou-se e perguntou o que deveria fazer para ser salvo; Paulo apaziguou-o e batizou-o, bem como a todos de sua família, que este lhes trouxe. No dia seguinte os lictores chegaram para libertá-los, sob ordens dos pretores. Paulo, entretanto, alegando sua prerrogativa de cidadão romano, pretendia que os próprios pretores os libertassem. Estes, ao tomarem conhecimento que eles eram cidadãos romanos, temeram, vieram e os libertaram, instando a que saíssem da cidade. Paulo e Silas, após voltarem para a casa de Lídia, deixaram a cidade. Ainda nesta viagem passaram por Anfípolis e Apolônia até chegarem a Tessalônica. Nesta cidade hospedaram-se na casa de um judeu por nome Jasão. Como faziam em todas as cidades, Paulo e Silas dirigiram-se à sinagoga, onde por três sábados seguidos discutiram as Escrituras. Paulo esforçava-se por provar que Jesus era o Messias, que tinha sido morto e que havia ressuscitado. Como em todas as outras ocasiões, havia aqueles que aceitavam sua pregação, mas a grande maioria dos convertidos vinha das fileiras dos gregos. Os judeus da sinagoga eram refratários às suas palavras e ficavam irados com sua conversão dos gregos. Em razão dos motins insuflados pelos judeus, que perseguiram inclusive aqueles que

os tinham albergado na cidade, Paulo e Silas resolveram ir para a Beréia. Ali, os judeus eram mais receptivos do que aqueles da Tessalônica e muitos creram em suas palavras. Quando, entretanto, os judeus da outra cidade ficaram sabendo de seu sucesso, dirigiram-se para lá e tanto agitaram que Paulo, a conselho dos irmãos (de crença) resolveu ir para Atenas, deixando Silas e Timóteo. A pregação em Tessalônica tomou um rumo imprevisto quando os conversos, acreditando que a parusia ou retorno de Cristo aconteceria em breve, cruzaram os braços e quedaram-se inertes, à espera deste fato. Paulo exortou-os ao trabalho (2 Tess), afirmando que o fim apocalíptico ainda demoraria.

O Choque com a Filosofia Grega

Em Atenas, Paulo freqüentava a sinagoga e se confrangia com o excesso de ídolos que ele via na cidade. Atenas era famosa pelo fato de seus cidadãos poderem discutir em liberdade o que quisessem em certo local chamado Areópago. Paulo foi convidado por certos filósofos epicureus e estoicos a defender a sua doutrina no Areópago, e para lá se dirigiu. Com perspicácia, em seu discurso ele ressaltou o fato de que um dos altares de adoração dos atenienses era dirigido “Ao deus desconhecido”. Afirmou então que este “deus desconhecido”, na verdade, era o Deus vivo que havia feito o mundo e tudo que nele existia e que provia a vida e o alento de tudo que vivia. Não era um deus distante, nem apenas um ídolo de pedra, ouro ou prata; era, ao contrário, o Deus “no qual nós vivemos, no movemos e temos o nosso ser”. Quando, contudo, tocou no assunto da ressurreição dos mortos, os circunstantes passaram a mofar dele e de sua doutrina, puseram-se a rir e diziam, enquanto se afastavam: “Sobre isto, te ouviremos de outra vez”. De Atenas Paulo foi para Corinto, região da Acaia. Lá encontrou um judeu de nome Áquila, que viera do Ponto com Priscila, sua mulher. Areópago (“colina dos ares” ou “colina das maldições”): ficava situado em uma colina

de pedra, a oeste da acrópole ateniense. Originalmente formado como conselho consultivo dos reis, apresentava certa similaridade com o senado romano. Eram também tribunal e órgão administrativo. Este sempre foi um tema extremamente delicado, e tanto na época de Paulo quanto na atualidade ainda provoca dissensões doutrinárias. Os fariseus e os saduceus digladiavam ferozmente sobre ele, colocando-se em campos opostos. Seitas, filosofias, intérpretes e doutrinadores ortodoxos e heterodoxos, (presumidos) hereges, prosélitos, discutiam interminavelmente se a ressurreição se daria em corpo carnal ou espiritual, quando se daria (se é que se daria), se a imortalidade se daria neste corpo ressurreto ou se já havia uma alma imortal. Não é preciso dizer que além dos rios de tinta que se escreveu sobre o assunto, correram também rios de sangue devido às sangrentas lutas religiosas provocadas pelo excesso de dogmatismo. Opiniões inconciliáveis e fanatismo, obviamente, jamais foi o objetivo da pregação iniciada por Jesus e continuada pelos apóstolos, Paulo inclusive, que sempre desejaram que as contendas fossem resolvidas pacificamente e que as pessoas sempre procurassem superar as suas discórdias. Cidade grega na extremidade nordeste do Peloponeso. Era famosa pela dissolução dos costumes e pela corrupção. Tal fama devia-se principalmente à existência da prostituição oficial no santuário de Afrodite. Era a principal cidade marítima da Hélade, encruzilhada

entre o Oriente e o Ocidente. O caminho para ela era feito pela Via Lechaeum, a partir do porto ocidental em Cêncriis expulsos (como todos os judeus) de Roma por um decreto de Cláudio. Também Áquilas era fabricante de tendas, e Paulo ficou em sua casa, onde trabalhavam juntos. Aos sábados, dirigia-se à sinagoga, onde pregava a judeus e gregos. Silas e Timóteo vieram da Macedônia e auxiliaram neste trabalho de conversão, mas a reação dos judeus logo recrudescceu. Além de reagirem violentamente, blasfemavam contra os apóstolos. Foi nesta ocasião que Paulo novamente increpou os judeus, devido à sua dureza de coração: “Caia o vosso sangue sobre as vossas cabeças; limpo sou dele”. “Desde agora dirigirme-ei aos gentios”. E foi para a casa de Tício Justo, um prosélito que morava ao lado da sinagoga. Contrariados, os judeus tentaram simular um ato de sedição por parte de Paulo, para que Galião, o procônsul de Acaia, o mandasse prender. Este, entretanto, não se deixou iludir e nada fez contra Paulo ou de Tibério. Os judeus da cidade teriam sido expulsos em razão de um escândalo financeiro. At 18,6. Desde o princípio, Paulo percebeu a universalidade da mensagem cristã e soube em seu íntimo que ela não se destinava tão somente aos judeus, mas também, e principalmente, aos gentios. Para ele, a mensagem cristã era por demais importantes para se tornar restrita a um único povo. Devido a esta compreensão, ele dedicou toda a sua energia e vigor à difu-

são universal desta mensagem, porque compreendeu a extrema importância da Boa Nova como instrumento de libertação individual para todos os povos. Ele, que era judeu e fariseu, transcenderam sua formação pessoal e atingiu um cosmopolitismo inédito para a sua época. Abriu-se a todos os povos, para mostrar a todas as pessoas que havia um Deus supremo, invisível, acima de todos os múltiplos deuses cultuados em todos os templos da antiguidade. Profundo conhecedor do judaísmo, que punha a Lei acima de tudo, ele percebeu que Cristo trouxe uma nova Lei (o NT, que aboliu o AT – pelo menos em suas prescrições: veja-se em 2 Cores 3,14) e cujo único mandamento sobrepasa extraordinariamente os mandamentos de Moisés: Amarás a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo. A busca pela virtude, na concepção mosaica, é ultrapassada pela busca do ideal de Cristo, a imitação de Cristo, estilo de vida que seria perseguido pelos místicos da Idade Média, pelos anacoretas, pelos eremitas, pelo movimento religioso chamado Loucura pelo Cristo com santo Onésimo, santo Bessarião, entre outros – ou pelos “staretz” – os loucos pelo Cristo, na Rússia e que ele anunciou estar ao alcance de todos. Lucius Junius Annaeus Novatus Gallio era o irmão mais novo do filósofo Sêneca (Lucio Aneu Sêneca), que foi preceptor de Nero. Eles provinham de Córdoba, a Bética hispânica. Nesta época, o império romano se dividia em três tipos de províncias: as imperiais,

as senatoriais e as procuratorianas. Esta divisão se fazia em razão do potencial de rebelião de cada uma. As províncias pacificadas, ou senatoriais – caso da Acaia, da Anatólia, ou mesmo Bética, na Espanha, dez no total – eram dirigidas por um procônsul, eleito pelo senado de Roma, e nelas não havia muitas legiões romanas. As províncias imperiais (em número de doze) estavam sob o controle direto do imperador (através de um legado, que o representava), devido ao seu alto potencial de conflito, e por isso mesmo tinham em seu território um grande número de legiões. As províncias procuratorianas, ou “Procuras” eram dirigidas por governadores, ou procuradores, que respondiam diretamente ao imperador.

Terceira Viagem

De Corinto seguiu por mar para a Síria, juntamente com Áquilas e sua mulher, Priscila. De lá foi para Éfeso, onde se separaram. Em Éfeso, declinou do convite que lhe fizeram os judeus da sinagoga, para que ficasse por lá algum tempo. Despediu-se e seguiu dali para Cesaréia, Jerusalém (onde saudou a comunidade) e Antioquia. Após algum tempo Paulo partiu novamente, indo para a Galácia e a Frígia. Nesta época, um judeu convertido por nome Apolo chegara a Éfeso, vindo de Alexandria. Apesar de não ter sido batizado (só recebera o batismo de João, como a maioria dos crentes em Corinto), ele pregava com entusiasmo a doutrina cristã na sinagoga, a seu modo. Entretanto, Áquilas e Priscila ouvindo-o, resolveram completar sua instrução sobre o que ele desconhecia. Em seguida o animaram a ir a Acaia, e escreveram aos irmãos de lá para que o recebessem. Enquanto isso, Paulo percorria Éfeso batizando no Espírito Santo os prosélitos de João Batista. Na sinagoga, novamente sendo rechaçado, Paulo foi pregar em uma academia de tal Tirano, o que fez por cerca de dois anos. Eram de tal monta os prodígios realizados por Paulo, que até o que ele tocava podia curar as pessoas. Nesta ocasião, notan-

do alguns judeus que nos exorcismos que ele realizava invocava o nome do Senhor Jesus tentou repetir a prática em um enfermo possuído por um espírito maligno, conjurando a que este saísse “em nome do Jesus pregado por Paulo”. Maliciosamente, o espírito imundo lhes inquiriu: “Conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?”. Em seguida, o indivíduo possuído, tomado de Com a morte do rei Herodes, o Grande, em 4 a.C., seu reino foi dividido nas tetrarquias de Arquelau (a Judéia), Filipe (territórios do leste e nordeste do lago ou mar de Tiberíades) e Antipas (Galiléia e Peréia). No ano 6 d.C., devido aos desmandos de Arquelau, a Judéia foi colocada sob a autoridade direta do governador da Síria, Públio Quintino Varo, que foi também seu primeiro procurador (Arquelau, posteriormente, recuperou a Judéia, a Samaria e a Iduméia, não como rei, mas com o título de etnarca). Na época de Cristo, Pôncio Pilatos era o procurador da Judéia. As Procuras tinham muito poucas legiões, em seus territórios. Apolo é o prosélito inicialmente solicitado a ir a Corinto a fim de reconciliar os ânimos e exortar à unidade da congregação, convite este declinado por ele. No caso, Timóteo foi em seu lugar (1 Cor 16,12). Este episódio rapidamente ficou conhecido em toda a cidade, entre gregos e judeus que os comentavam. Muitos se atemorizaram, e como eram praticantes

de artes mágicas, levaram seus livros para a praça pública e os queimaram. Paulo tinha em mente partir para a Macedônia e a Acaia, seguir para Jerusalém e de lá ir até Roma. Antes de partir, entretanto, aconteceu um incidente, o qual envolvia um ourives, de nome Demétrio. Ocorria que Demétrio ganhava muito dinheiro fazendo em prata imagens da deusa Ártemis, para os templos, e temia que a pregação de Paulo acabasse por afastar dessa prática os devotos desta deusa, o que fatalmente faria minguar os seus ganhos. Em vista disso incitou a que todos os que trabalhassem nessa atividade se colocassem contra Paulo. Tanto alarde fez sobre isso que logo a cidade estava em tumulto. A multidão, da qual possivelmente nem todos soubessem o que ocorria, dirigiu-se ao teatro, todos gritando furiosos e em altos brados. Os partidários de Paulo, que eram Gaio, Aristarco e Alexandre, eram empurrados de um lado para outro, e a confusão e a algaravia era tanta que ninguém se entendia. Por fim o secretário conseguiu se impor e conclamou a que todos esfriassem os ânimos. Com moderação, ponderou que o lugar mais apropriado para resolver esta querela era o fórum, e conclamou a que Demétrio expusesse lá a sua queixa. Além disso, mostrou que o comportamento do populacho era perigoso, pois que podia ser interpretado como uma sedição pelas autoridades. Aparentemente, Demétrio seguiu seu conselho, pois que a assembleia

logo se dissolveu. Paulo, ao que parece, perdeu a disputa, pois resolveu partir para a Macedônia. Os famosos “oráculos efesinos” (efésia grámmata). Escrivão ou chanceler (grammateus), também secretário-geral. Este era um cargo muito importante, em Éfeso.

Continuação da Terceira Viagem

Paulo continuou até a Grécia, onde permaneceu por três meses. Tencionava embarcar para a Síria, mas tomando conhecimento da cilada que os judeus lhe preparavam, resolveu voltar pela Macedônia. Em Tróade, onde se deteve por sete dias, reuniram-se vários grupos, tanto os que viajavam com Paulo quanto outros (inclusive Lucas), que partindo de Filipo se reuniram a eles. Estando eles um dia em reunião apostólica, e Paulo palestrando, seu discurso demorou-se tanto que, entrando pela noite, um jovem chamado Eutímio que estava sentado à janela foi vencido pelo cansaço e adormeceu, tombando de grande altura para o pátio. Desceram todos, aflitos, com exceção de Paulo, que abraçou o corpo inerte e disse aos circundantes: “Não temam, porque ele está vivo”. Subiu novamente e continuou a prática até o amanhecer, e quando partiu, o jovem os acompanhou, para alegria de todos. Indo por terra até Assos, Paulo embarcou e seguiu para Mitilene, Quios, Samos e Mileto. Nesta cidade encontrou-se com os presbíteros de Éfeso. Paulo, com o coração confrangido, anunciou-lhes que não mais o veriam, pois que somente o esperavam cadeias e tribulações. Exortou-os a permanecerem

unidos frente à adversidade e a defenderem-se das más doutrinas, pois que estas somente provocariam cismas. Oraram, a seguir, em conjunto. O grupo ali reunido entristeceu-se tanto que todos irromperam em prantos, aflitos com o destino de Paulo. De Mileto Paulo foi por barco para Cós, Rodes e daí para Pátara, onde o grupo tomou um barco que ia para a Fenícia. Desembarcaram em Tiro, onde Paulo foi advertido por outros discípulos para que não fosse até Jerusalém. De Tiro foram a Tolemaida, e de lá para Cesaréia. Ali ficaram na casa de Filipe, o evangelista, onde permaneceram por alguns dias. Foi ali também que o profeta Ágabo advertiu Paulo para não seguir até Jerusalém, pois que lá seria preso. Também Ptolemaida, em homenagem a Ptolomeu Filadelfo. Outros nomes pelos quais é conhecida: Acco, ou Acre, ou Aque, cidade cananéia à beira do Mediterrâneo. Era o melhor porto natural da Palestina e um dos mais antigos da costa síria. Como cidade helenizada, tinha costumes contrários aos costumes judaicos. Paulo, embora várias vezes advertidas, ainda assim seguiu para Jerusalém. Em sua viagem foi acompanhado por vários discípulos que ficavam em Cesaréia. Chegando a Jerusalém, estes o conduziram à casa de um antigo discípulo, Menasão de Chipre, onde se hospedaram. No dia seguinte foi visitar Tiago, em cuja casa se reuniu todos

os presbíteros e a quem ele deu conta de seus périplos e de suas pregações. Nesta ocasião, após ouvir a narrativa de Paulo, os presbíteros o advertiram sobre o seu modo de evangelizar, o qual não enfatizava os costumes mosaicos. Eles então o convidaram a provar sua observância da lei mosaica. Para tal, deveria pagar os gastos de quatro varões que tinham feito voto, e purificar-se junto com eles. Paulo seguiu suas instruções e fez a purificação junto com os varões, e no dia seguinte entrou no Templo, anunciando o cumprimento dos dias da consagração indagando quando deveria apresentar as ofertas. Estes procedimentos duravam sete dias, e quando o período estava para terminar, alguns judeus da Ásia, vindo-o lá, começaram a clamar todos, acusando-o de ser contra a Lei e de ser profanador daquele lugar santo, por ter introduzido um gentio (de nome Trófimo) no Templo. Os cristãos em Jerusalém ainda seguiam as práticas judaicas, tanto no concernente à circuncisão quanto no referente aos alimentos proibidos, práticas das quais Paulo se afastara. Em 2 Cor ele se refere aos ataques de pregadores, munidos de cartas da Palestina, contra sua pessoa, afirmando que ele não era um verdadeiro apóstolo e que sua pregação não tinha valor, por não impor os preceitos judaicos (estes ataques lançaram tal confusão entre a comunidade que, para reconciliar os ânimos,

Paulo teria escrito esta epístola). O Templo tinha áreas destinadas com exclusividade aos judeus, onde nenhum gentio podia entrar. Para estes estava destinada uma área (o “Átrio dos Gentios”), da qual não podiam passar, sob pena de morte. O local mais sagrado do Templo (Sancta Sanctorum) só podia ser acessado pelo Sumo Sacerdote, e apenas uma vez por ano.

III – MARTÍRIO E MORTE

Prisão

A turba de judeus se enfureceu e quis matar Paulo. Agarraram-no e o levaram para fora do Templo, enquanto os levitas corriam a cerrar as portas. Paulo foi empurrado e agredido com pancadas por todos, que só pararam com a chegada dos soldados romanos, vindos da fortaleza Antônia. O tribuno que era líder da tropa (Cláudio Lísias) tomou Paulo sob custódia e o levou, mas este, dirigindo-se a ele em grego, solicitou-lhe permissão para falar ao povo. Lísias, surpreso por ter sido interpelado em grego, no início confundiu Paulo com um sedicioso procurado, mas este logo o esclareceu de sua condição. Autorizado a falar, Paulo pediu silêncio e fez, em hebraico, uma longa preleção acerca de sua vida, de como perseguira os conversos, de sua própria conversão no caminho de Damasco, de suas viagens e de sua longa pregação aos próprios judeus, aos gregos e aos gentios. Entretanto, seu discurso não convenceu a turba, que recomeçou a insultá-lo e a incitar a que os romanos o açoitassem. Esta era a intenção do tribuno, mas Paulo interpelou um centurião presente, falando: “É-vos lícito açoitar um cidadão romano, sem antes o haverdes julga-

do?”. Inquirido pelo tribuno, Paulo comunica que tinha a cidadania romana por nascimento. Em vista disso, os romanos o levaram de volta aos judeus. Reunindo-se o Sinédrio⁴⁵ para julgá-lo, Paulo alegou inocência, e que sua consciência estava limpa. Enquanto a assembleia prosseguia, aconteceu uma altercação entre Paulo e Ananias, o Sumo Sacerdote (condição esta que era desconhecida por Paulo). Admoestado por este ato, ele respondeu: “Não sabia, irmãos, que era o Sumo Sacerdote. Pois Na época, a justiça judaica era distribuída em quatro cortes: Jericó, Séforis, Amat e Gadara. O Grande Sinédrio de Jerusalém era a instância máxima, e era formado por 71 membros (contando-se o Sumo Sacerdote). Tinha liberdade para deliberações de âmbito religioso, mas restringia-se às limitações romanas, em questões civis. Era composto de três classes: os anciãos, os pontífices e os membros de quatro famílias leigas, mas poderosas (os Ananis; os Boetos; os Fiabi; os Kamit). Por convocação do tribuno que prendera Paulo, o Sinédrio reuniu-se para julgar o seu caso. Está escrito: ‘Não injuriarás o chefe do povo’”. Sentindo que sua situação era difícil, Paulo, em determinado momento, pensou que estaria melhor se as forças contra ele se dividissem. Falou, então: “Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus”. Pela esperança e “pela ressurreição dos mortos sou julgado”. Esta exclamação criou de imediato um alvoroço, porque havia ali fariseus e saduceus que não se enten-

diam sobre o assunto, e os fariseus acabaram tomando o partido de Paulo. Devido ao agravamento do tumulto o tribuno ordenou que Paulo fosse resgatado de entre os judeus e levado novamente à fortaleza. No dia seguinte os judeus tramaram a morte de Paulo, jurando entre si não tomarem bebida nem alimento enquanto não o matassem. Mas o filho da irmã de Paulo soube da conjura e foi até o tribuno, revelando o que sabia. Este o despachou, pedindo que guardasse segredo de tudo. Em seguida, chamando dois centuriões, ordenou que duzentos soldados fossem até Cesárea, onde deveriam entregar Paulo ao procurador Félix. Ao ser entregue ao procurador, este indagou sua procedência, e ao saber que ele era da Cilícia, ordenou que o prendessem até a chegada dos acusadores. Após cinco dias o Sumo Sacerdote Ananias, junto com alguns anciãos e um orador de nome Tertulo foram até o procurador, para apresentarem suas razões. A acusação contra Paulo foi feita pelo orador. Este arengou que Paulo era um sedicioso e militante da seita dos nazoreus. Disse que ele seria julgado pelos judeus segundo as suas leis, mas que tinha sido arrebatado pelo tribuno Lísias, que mandou que eles apresentassem suas queixas ao procurador. A um sinal de Félix Paulo deu início à sua defesa, alegando inocência e contando os fatos ocorridos desde sua volta a Jerusalém. Mencionou inclusive o que ocorrera na sala de julgamento, sobre como levantara a questão sobre a ressurrei-

ção dos mortos e o tumulto que se seguiu. Marco Antônio Félix, irmão de Palas, que era o favorito de Agripina, quarta mulher de Cláudio e mãe de Nero. Casou-se três vezes: a primeira vez com Drusila, neta do Triúnviro Antônio; em seguida com Drusila, filha de Herodes Agripa I, irmã de Agripa II e de Berenice. Félix induziu-a a deixar o marido, Acício, rei de Emesa, após dois anos de casada. Não se conhece o nome de sua terceira esposa. De acordo com Tácito, ele era extremamente sádico e cruel. Félix nada decidiu acerca de Paulo e deixou-o preso por cerca de dois anos. Entretanto, sempre o chamava para ouvir sobre sua fé e sua doutrina. Às vezes ele se aterrorizava, quando ouvia Paulo falar acerca do juízo futuro e sobre a vida espiritual. Nem por isto, entretanto, o libertou. Ao que parece, esperava que este tentasse comprar a própria liberdade, o que jamais aconteceu. Entrementes, Félix foi sucedido por Pórcio Festo, e neste ínterim os adversários de Paulo aproveitaram para tentar uma nova cilada contra ele, pedindo que o novo procurador lhes entregasse. Isto ocorreu em Jerusalém, e Festo respondeu-lhes que quando partisse para Cesaréia eles poderiam fazer suas acusações. Após cerca de dez dias, Festo foi a Cesaréia e convocou o tribunal. Ouviu os judeus e ouviu a Paulo; entretanto, para agradar aos primeiros, perguntou a este se queria ser julgado em Jerusalém. Paulo, conhecedor da malícia de seus acusadores, declinou, respondendo: “Estou perante o tribu-

nal de César, nele devo ser julgado”. Festo, de conformidade com a lei, consultou o seu Conselho, o qual aceitou a apelação. Respondeu então a Paulo: “Apelaste para César, para César irás”. Por essa época transitaram por Cesaréia o rei Agripa e Berenice, que tinham ido lá para saudar Festo. Agripa acabou por tomar conhecimento da situação de Paulo e das acusações que pesavam contra ele, e quis ouvi-lo. No dia seguinte Agripa e Berenice entraram com grande pompa na sala de audiência, que estava repleta com os tribunos e outra figura de Pórcio Festo foi procurador de 60 a 62, quando morreu. Festo era tão cruel quanto o seu antecessor. Era a Cesárea entre Jafa e Dor, cidade portuária construída por Herodes Magno entre os anos 9 e 12 a.C. Depois da morte de Agripa I, tornou-se a residência oficial dos procuradores romanos, que só ficavam na fortaleza Antônia, em Jerusalém, durante as festividades religiosas. Havia também a Cesaréia que era a capital de Filipe, no lugar da antiga Pânias (ou Panéias), construída por Herodes Filipe entre 3 e 2 a.C., próximo à nascente do Jordão. *Provocatio ad Caesarem*. Era uma prerrogativa de Paulo ser julgado pelo tribunal imperial em Roma. Referência a Marco Júlio Agripa Herodes II, filho de Marco Júlio Agripa Herodes. Vivia incestuosamente com a irmã, Berenice, depois da morte do segundo marido desta. Em 48 foi nomeado rei de Cálquis pelo imperador Cláudio, e em 49 foi nomeado supervisor do Templo, com o direito de

nomear o Sumo Sacerdote. Em 53 foi nomeado, pelo imperador Nero, rei da tetrarquia de Filipe e Lisânias, reino este que foi aumentado (ainda por Nero) com as cidades de Tiberíades, Tariquéia, Lívias e possivelmente, Abila. Festo inteirou o rei Agripa do que pesava contra Paulo, e afirmou que em seu entendimento, nada havia que tornasse Paulo réu de morte. Agripa pediu em seguida que Paulo se manifestasse, e este o fez lembrando, em longo discurso, toda sua epopéia, de perseguidor a pregador da fé cristã. Contou como em razão da convocação de Cristo se esforçara com denodo, pregando primeiramente em Damasco, Jerusalém e a região da Judéia, anunciando a penitência e a conversão a Deus por obras dignas de penitência. Seu discurso foi tão veemente que Agripa chegou a comentar com ironia: “Por pouco não me persuades a fazer-me cristão!”, ao que lhe respondeu Paulo: “Por pouco ou muito mais, quisera Deus que não só tu, mas todos os que me ouvem se fizessem hoje, tais como eu sou, embora sem estas correntes”. Festo, neste momento, interrompeu-o, clamando em voz alta: “Tu deliras Paulo! As muitas letras fazem-te perder o juízo”. A isto, Paulo retrucou, dizendo que suas palavras eram de verdade e sensatez. Finda a audiência, Agripa e Berenice, e todos mais, concordaram que nada havia contra Paulo, e que ele só não ficaria em liberdade devido ao seu apelo a César.

Viagem a Roma

No ano 60, no final do verão, Paulo e outros presos foram encaminhados ao centurião Júlio para que este os levasse, por mar, para Roma. Lucas o acompanhou nesta viagem, e sua descrição a respeito é muito realista e cheia de minúcias. Viajaram em um dos navios da frota de Adramício, o qual se dirigia às costas da Ásia Menor. Em Sidônia, ao atracarem, Júlio permitiu que Paulo visitasse os amigos na cidade, sempre acorrentado a um soldado. Dali costeou Chipre, e, atravessando o mar da Cilícia e da Panfília, chegaram a Mira da Lícia, onde embarcaram em um barco de carga que se dirigia para a Itália. Devido aos ventos contrários, tiveram que costear a ilha de Creta por Salmona até chegarem, com muita dificuldade, ao porto cretense chamado “Bons Portos”. Uma navis oneraria, ou barco de carga que deslocava trezentas toneladas. Era muito utilizado na navegação comercial. Atualmente, “Kali Limenes”. Paulo achou oportuno advertir sobre o perigo que lhes ameaçava a vida e a carga do navio, se tentassem navegar com o mau tempo reinante. O centurião, entretanto, achou por bem ouvir o parecer dos marinheiros, e a opinião destes era a de que podiam chegar até o porto de Fenice, em Creta. Lançando-se novamente ao mar, de

início parecia que o tempo os ajudava, com um vento favorável. Entretanto, desencadeou-se um vento nordeste tão forte que acabaram ficando à deriva. No dia seguinte a tempestade recrudesciu e foram obrigados a lançar parte da carga ao mar. Por treze dias ficaram perdidos, e quando Paulo sentiu que se desesperavam, levantou-se e disse a todos que o anjo do Senhor lhe aparecera e dissera: “Não temas Paulo”. “Comparecerás perante César e Deus te fará a graça de salvar todos os que navegam contigo”. Na noite seguinte os marinheiros começaram a pressentir a proximidade de terra firme e começaram a lançar a sonda. Tendo achado o fundo, alguns acharam que poderiam alcançar a costa usando o bote. Paulo advertiu o centurião que a salvação de todos estava em que permanecessem juntos, e este ordenou que cortassem o cabo do bote, fazendo com que este caísse e se perdesse no mar. Ao alvorecer o navio encalhou na enseada, mas começou a desmantelar-se, açoitado pela fúria dos vagalhões. Os marinheiros, temendo uma fuga de presos, tentaram matá-los, no que foram impedidos pelo centurião. Finalmente, todos os que estavam a bordo (em número de duzentos e setenta e seis pessoas) conseguiram atingir a terra firme, alguns nadando, outros sobre pranchas de madeira. Era a ilha de Malta. Foram bem recebidos pelos habitantes da ilha, que acenderam uma fogueira para que se aquecessem. Paulo, que recolhia ramos para manter o fogo, foi em determinado momento

picado por uma víbora, que se pendurou de sua mão. Ao verem aquilo, todos começaram a falar entre si: “Sem dúvida este homem é homicida, pois, tendo escapado do mar, o justiça o persegue”. Paulo, entretanto, apenas sacudiu a mão, e continuou imperturbável. Ao verem que nada lhe acontecia de mal, todos se maravilharam, crendo que ele era um deus. Ilha no Mar Mediterrâneo. Seus habitantes provinham de Cartago e eram súditos e cidadãos romanos desde César. Falavam a língua púnica (fenícia), próxima ao hebraico. Era governada por um princeps municipii, que na época era tal Públio. Ficou hospedado na casa de Públio, a autoridade da ilha. O pai deste estava doente e prostrado no leito; Paulo, orando e impondo-lhe as mãos, curou-o. Imediatamente, todos começaram a trazer-lhe pessoas enfermas, para que ele as curasse. Ficou por três meses na ilha, ocasião aproveitada por Paulo para fazer suas pregações e possivelmente para criar uma comunidade cristã. No ano 61 (fevereiro) tomaram um barco alexandrino e foram até Putéoli, passando por Siracusa e Régio. Lá, onde Paulo encontrou um grupo de cristãos, permaneceram por sete dias, e sua ida para Roma foi anunciada por carta por estes amigos. Esta carta ocasionou uma recepção favorável pelos cristãos de Roma, que saíram-lhe ao encontro. Em Roma Paulo ficou sob custódia, sendo-lhe permitido alugar uma casa particular para morar. Após três dias, convocou os judeus da cidade para contar-lhes

sua história e afirmar que tinha apelado a César “não a fim de acusar meu povo do que quer que seja, mas porque quis ver-vos e falar-vos”. Os judeus de Roma responderam a Paulo que nenhuma comunicação tinha recebido contra ele. Queriam, no entanto, ouvi-lo e a seus ensinamentos, e se reuniram em sua casa para isso. Alguns aceitaram a doutrina, outros se opuseram a ela. Na verdade, criou-se tal desacordo e dissensão entre eles, que valeram as palavras de Paulo, citando Isaías: “que eles ouviriam e não entenderiam, e olhariam mas não veriam”, devido a estar-lhes embotado o coração. Por dois anos permaneceu Paulo nesta casa alugada, onde tinha por companhia a Lucas, Aristarco, Marcos, Timóteo e Tíquico, e onde pregou e ensinou tudo que podia sobre o reino de Deus e sobre Jesus Cristo.

Morte

Em 63, tendo sido absolvido pelo tribunal romano, Paulo pensou em realizar um antigo projeto, ou seja, viajar à Espanha, onde esperava. Na atualidade, o nome de São Paulo é lembrado na ilha de Malta como “São Bulos”. Custodia militaris. É o que se presume, visto que Lucas não elucida o assunto. Embora vários documentos e autores eclesiásticos a confirmem, nada se sabe com certeza sobre esta viagem. Possivelmente no ano 64 Paulo afastou-se de Roma devido à crescente hostilidade contra os cristãos advinda após o incêndio na cidade, sob o governo de Nero. Em 65 ele surge em Éfeso, onde deixa Timóteo como responsável pela comunidade. Vai, em seguida, para a Macedônia; daí a Creta, Nicópolis e Dalmácia. Foi talvez em Trôade, quando pensava em embarcar de volta, que foi preso novamente pelos soldados romanos de modo tão abrupto que (conforme afirma em 2 Tim 4,13) não pôde nem levar seu capote ou os seus livros. Daí foi levado para Éfeso e em seguida para Roma, para onde o acompanhou Lucas. Isto aconteceu por volta de 66 a 67. Não se sabe a razão de sua prisão, mas logo seu processo foi levado a cabo. Finalmente, na primavera de 67, em um lugar denominado “Ad Aquas Salvias”, na Via Ostiense, Paulo foi vitimado

pela espada de seu verdugo, que o decapitou. Mas tudo isto ele próprio previu, conforme escreveu em 2 Tim 4,6-8: “Quanto a mim, estou a ponto de derramar-me em libação, sendo já iminente o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé. Já me está preparada a coroa da Justiça, que naquele dia me outorgará o Senhor, justo juiz, e não só a mim, porém a todos os que amam a sua vinda”. Seu corpo foi sepultado em uma propriedade particular, à beira da via para Óstia. Atanásio, Epifânio, Jerônimo, Clemente Romano, João Crisóstomo, Teodoreto, bem como, entre outros, o códice Marciano de Veneza (que contém “Os Atos dos Apóstolos Pedro e Paulo”) ou o fragmento “Muratori”. Hoje conhecida como Tre Fontane, as Três Fontes.

Quadro cronológico

Em razão da dificuldade em situar com segurança as datas reais dos acontecimentos, colocamos entre parênteses as possíveis variações. Ano Acontecimento 33/34 (36) Estevão sofre pena de lapidação. Conversão de Saulo. 34/37 Saulo na Arábia. Volta a Damasco. 36/37 (39) Viagem a Jerusalém. Atividade na Síria e na Cilícia. 43/44 (43) Paulo vai a Antioquia com Barnabé. 44 Coleta e viagem a Jerusalém. 44 (45) Primeira viagem apostólica, junto com Barnabé e Marcos. 45/49 Viagens por Chipre, Ásia Menor, Antioquia da Pisídia. 49/50 Concílio dos Apóstolos, em Jerusalém 50 (51) Início da segunda viagem apostólica, com Silas. 50/53 Viagens pela Síria, Cilícia, Frígia, Macedônia, Acaia. 52 Em Corinto. 52/53 Perante Galião. Escreve as epístolas 1 e 2 Tess. 53 (54) Ida a Cesárea, Jerusalém e Antioquia. 54 Terceira viagem apostólica, para a Galácia. 55/57 Permanência em Éfeso por três anos. Escreve Gal e 1 Cor. 57 Viagens à Macedônia e Acaia. 57/58 Em Corinto. Escreve Rom. 58 (57) Em Filipos, escreve 2 Cor. 58 Viagens de volta pela Macedônia, Trôade, Mileto, Tiro, Cesárea, até Jerusalém. 58/60 Prisão em Jerusalém e cativo na Cesárea. 60/61 Transferência para Roma. 61/63 Primeiro cativo em Roma. Escreve Col, Ef,

Paulo, o Apóstolo no Divã

Fil, Filip. 63 Escreve Heb. É absolvido em Roma. 63/66 (63/65) Viagens pelo Oriente, Creta e Espanha. Escreve 1 Tim e Tito. 67 (65) Segundo cativo em Roma. Escreve 2 Tim. Execução.

Em Busca Do Paulo Apóstolo
IV – As epístolas paulinas
O Problema da Interpretação

Atualmente, podemos dizer que Paulo é um dos mais conhecidos e um dos mais estudados personagens bíblicos do Novo Testamento. Isto demonstra cabalmente que sua influência ainda é imensa, nas crenças dos seguidores das várias igrejas, seitas e ramificações do cristianismo. A exegese moderna, na falta de documentos, tem se debruçado continuamente sobre os textos originais gregos existentes, em uma busca interminável da melhor tradução e da melhor interpretação das palavras. Não existe uma tradução assentada e definitiva, e os vários especialistas constantemente apresentam novas formas de entendimento. Palavras comuns, sobre as quais a maioria das pessoas não teria dúvidas a respeito, soam diferentemente aos ouvidos dos expertos. A dificuldade em encontrar sentidos equivalentes para as expressões existentes nas várias línguas originais da diversidade histórica e cultural que separa os vários povos. Este caráter ambíguo da linguagem não possui uma solução fácil, e os vários tradutores procuram basear-se em traduções comentadas, que eles denominam “edições críticas”. Às vezes, muito da intenção original do autor pode se perder se o tradutor e o intérprete não

tiverem conhecimento de nuances idiomáticas. Além disso, as crenças básicas destes podem igualmente servir de crivo inconsciente capaz de filtrar trechos “equívocos” ou “não canônicos”. Na verdade, alguns autores até insinuam que alguns textos evangélicos e apostólicos poderiam ter sofrido uma espécie de “copidesque” nos primeiros séculos, eliminando, interpolando ou extrapolando trechos aos mesmos. No caso de Paulo, daquilo que se tornou finalmente o texto apostólico aceito, ou seja, as palavras recolhidas nos Atos dos Apóstolos e nas Epístolas, mesmo nos tempos modernos, passados cerca de dois mil. A palavra “evangelho”, por exemplo, cuja conotação não é desconhecida por nenhum cristão, na verdade constitui um termo técnico (Chaîre... nikômen), que significa: “Salve! Vencemos!” Do que sabemos, o apostolado de Paulo está exposto principalmente nos livros canônicos dos Atos dos Apóstolos e nas epístolas que escreveu. Deve-se principalmente a Lucas a redação do primeiro texto. Ele acompanhou Paulo por quase todas as suas viagens, e o que não presenciou diretamente provavelmente lhe foi narrado posteriormente, pelo próprio Paulo ou por outro de seus companheiros. É uma verdade histórica e algo muito lamentável para os estudiosos, que o cenário conturbado onde se desenvolveram as primeiras cenas da história cristã não tenha contribuído para a manutenção dos vários documentos que foram escritos. Restaram muito poucas cartas escri-

tas pelos apóstolos; quanto às cartas de Paulo (ou aquelas que a tradição atribui a ele), apenas 14 sobreviveram à destruição ou extravio. Estas cartas seriam na ordem tradicional (não cronológica): Isto é que teria provocado as frequentes mudanças na narração, com intercalações na primeira pessoa. Evidentemente, não nos referimos aqui aos documentos ditos apócrifos e os pseudoepígrafos, que se contam às centenas e que surgiram principalmente nos três primeiros séculos. Somente de evangelhos podemos citar: o dos ebionitas; dos hebreus; de Tomás o israelita; de Jaime o Menor; de Filipe; de Maria; de Maria Madalena; de Nicodemos; de Marcião; da Natividade de Maria e da Infância do Salvador; da Infância; do Povo; dos Doze Apóstolos; de Bartolomeu; de Barnabé; de Cerinto; de Pedro; de Basíledes; da Verdade; de Eva; da Perfeição; dos Egípcios; de Judas; etc. Alguns não passavam de falsificações grotescas, cheios de histórias piedosas e ingênuas. No Concílio de Cartago, no ano de 397, um dos critérios que a Igreja adotou para a seleção dos evangelhos do NT era que ele deveria ter sido escrito pelos próprios apóstolos de Jesus. Lucas e Marcos, entretanto, não foram apóstolos diretos, até onde se sabe. Eles eram colegas de Paulo. E, no entanto Tomás, que era um dos doze apóstolos originais, teve o seu evangelho excluído. Este evangelho somente ressurgiu em 1945, quando alguns manuscritos foram desenterrados em Nag Hammadi, no Egito. Muitos da-

queles livros foram usados abertamente pelos cristãos primitivos. Alguns deles foram até mesmo mencionados em escritos dos primeiros homens da Igreja, tais como Clemente de Alexandria, Irineu de Lyon, Orígenes de Alexandria, entre outros...

Uma epístola aos Romanos - *Duas* epístolas aos Coríntios - *Uma* epístola aos Gálatas - *Uma* epístola aos Efésios - *Uma* epístola aos Filipenses - *Uma* epístola aos Colossenses - *Duas* epístolas aos Tessalonicenses - *Duas* epístolas a Timóteo - *Uma* epístola a Tito - *Uma* epístola a Filemon - *Uma* epístola aos Hebreus.

Não sabemos quantas cartas Paulo realmente escreveu; mesmo entre estas 14 epístolas os exegetas não estão concordes quanto à autoria paulina. Quanto àquelas sobre as quais não pairam dúvidas a respeito de sua autoria direta, elas apresentam um estilo apologético, com uma forma epistolar rígida: sobrescrito (*praescriptum*),⁶² algumas com acréscimos doutrinários; e saudação de próprio punho, que autenticava a carta. Esta geralmente era ditada a um escritor profissional; por exemplo, na Epístola aos Romanos, este escritor se identifica nas saudações finais: “Saúdo-vos eu Tércio, que escrevo esta epístola, no Senhor”. Em sua maioria, as cartas eram dirigidas às comunidades cristãs recém-formadas (a dirigida a Filemon parece ter um aspecto pri-

vado). A língua utilizada nas mesmas era a grega; não o grego clássico, mas aquele falado pelas populações que habitavam a costa do Mediterrâneo. Em algumas cartas há várias mudanças de gênero literário, inclusive interrupções bruscas.

Sobre as Cartas aos Coríntios

As denominadas epístolas “aos coríntios” foram escritas entre o final do ano 55 e o final do ano 56, sendo possível que Paulo tenha escrito realmente três epístolas, no total. Em 1 Cor 5,9 encontramos a seguinte passagem: “Já por carta vos escrevi que não vos comunicásseis com os que se prostituem”. Esta carta, atualmente perdida, foi com certeza a primeira que escreveu a esta congregação. Devido às péssimas notícias que recebeu, enviou Timóteo para lá. Quando escrevia a segunda carta, que é a “Primeira” oficial, recebe uma comissão de Corinto, que também não trazia boas notícias. Depois que Timóteo retorna de Corinto, Paulo escreve uma carta severa para eles, que também não se conservou, e que seria a terceira em ordem cronológica. A primeira epístola foi escrita quando Paulo completava três anos de contínua pregação em Éfeso. Devido a contínua perseguição exercida contra ele por parte dos judeus e pagãos, pesavam sobre Paulo as preocupações advindas de seu cuidado pelas outras comunidades e igrejas. Em Corinto, lugar pagão por excelência, Paulo lutou com denodo contra o estilo de vida devassa que lá se considerava “normal”.

As Cartas Duvidosas

É sabido que algumas cartas não têm aceitação unânime entre os exegetas; as cartas “pastorais”, aquelas dirigidas a Timóteo e a Tito, são um exemplo disso. González Ruiz, em sua obra “O Evangelho de Paulo”, diz o seguinte sobre elas: “Certamente, o estilo das Pastorais é o de uma exortação um tanto monótona”. Comparadas às demais cartas de Paulo, contêm mais fórmulas abstratas e menos imagens e metáforas; as conjunções são raras. (...) “A situação histórica envolvida nestas ‘Cartas’ não coincide em nada com a que se pode deduzir das outras ‘Cartas’ de Paulo e dos ‘Atos dos Apóstolos’, mesmo quando é preciso. Porque em muita tribulação e angústia de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que conhecesseis o amor que abundantemente vos tenho (2 Cor 2,4). A última epístola (Hebreus), em especial, sofre forte rejeição em virtude de seu estilo hermético, ainda que messiânico. Orígenes, por exemplo, reconhece que a carta não foi escrita por Paulo, mas que as ideias seriam dele. “Portanto, teriam sido escritas por alguém próximo a ele, parafraseando a doutrina reconhecendo que existem certos paralelos” (José María González Ruiz. O

Evangelho de Paulo, pág. 177). A fim de dar uma solução à questão, este autor adota uma “hipótese de trabalho”: para ele, tais cartas teriam sido escritas em época bastante posterior, por Tito ou Timóteo, ou algum discípulo deles, a partir de suas lembranças pessoais, tanto de palavras quanto de textos escritos por Paulo.

Sobre Outras Cartas

Normalmente, costuma-se crer que as cartas de Paulo dirigidas a Colossos, Éfeso e a Filêmon tenham sido escritas na época em que ele esteve preso em Roma. Entretanto, afirma a este respeito González Ruiz: “Contudo, ao ler as duas cartas dirigidas a Colossos e a Éfeso, chamam a atenção suas características literárias e teológicas”. Assim, o vocabulário de Cl apresenta 86 termos que não se encontram nas Cartas certamente paulinas; e o sentido de outras palavras evoluiu e mudou. Não obstante, o fundo doutrinal é profundamente paulino e, por isto, é preciso atribuir sua autoria a uma escola paulina firmemente assentada. “Assim, portanto, quanto a Cl e Ef, encontramos-nos diante de um caso – então frequente – de pseudo-epigrafia, isto é, de produção de obras literárias sob o nome de uma personalidade famosa, na maioria dos casos já morta”. Este modo de agir não se considerava como uma falsificação ou um engano; tratava-se, pelo contrário, de um procedimento completamente normal, segundo o qual alunos e seguidores queriam resolver os problemas de seu tempo no espírito e com autoridade do grande ‘mestre dos povos’ (1Tm 2,7) (José María González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, pág. 143).

Diferenças de Interpretação

A diversidade de estilo nas cartas paulinas tem sempre confundido os exegetas. A preocupação com a autoria de um texto, que é uma referência cultural moderna, não existia naquela época; além disso, já sabemos que as cartas nem eram escritas de próprio punho. Admite-se, então, que alguns escritos sejam resumos conservados a partir de ensinamentos orais ou mesmo de outros escritos anteriores, da autoria direta de Paulo, mas que conservam a essência do seu pensamento. É possível concluir, a partir dessa interpretação, que estas cartas tenham sido escritas por discípulos de Paulo por volta do ano 80. Mas há outra interpretação: a epístola aos Colossenses teria sido escrita depois que Epafra visitou Paulo no cativeiro em Roma e relatou-lhe as dificuldades por que passava esta comunidade, onde vicejavam doutrinas estranhas num confuso sincretismo que mesclava princípios filosóficos helenistas, gnosticismo e ideias judaicas. Paulo então escreveu sua epístola, na qual se propôs a expor com exatidão a doutrina de Cristo.

Querelas Doutrinárias

Já na época de Paulo, ele enfrentava continuamente a distorção e os desvios doutrinários derivados de outras filosofias e crenças religiosas. Aliás, ele não se cansava de alertar contra estes falsos doutrinadores: Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviái-vos deles (ROM 16,17). Em Colossos, por exemplo, houve uma tentativa de acomodar o judaísmo, o helenismo e a fé cristã, em um confuso sincretismo que Paulo logo condenou. De acordo com González Ruiz, “O fundo destes erros se juntava claramente a uma influência das ‘religiões místicas’, tão em voga no mundo helenístico da época”. Tratava-se de obter a ‘salvação’ a todo custo, chegando à plenitude da elevação humana. “Para os contrários a Paulo, havia um argumento francamente impressionante”. Jesus não podia ter-se livrado a si mesmo do poder de certas ‘forças cósmicas’, sucumbindo ao destino fatalmente marcado por elas; e, igualmente, era incapaz de livrar seus mensageiros. As perseguições de Paulo – e especialmente sua longa prisão palestinese e romana – constituíam uma boa prova de que não tinha poder para superar a hostilidade dos ‘senhores’ das esfe-

ras celestes. “Os ‘hereges’ de Colossos não pretendiam afastar ou substituir Jesus e Paulo, mas superá-los: queriam ir além”. O Cristianismo seria bom para o grau elementar da iniciação religiosa, mas nada, além disso. “A salvação total, para além da morte, só podem oferecê-la certos seres celestiais, não implicados pessoalmente na tragédia humana”. (José María González Ruiz. O Evangelho de Paulo, pág. 144). Contra este entendimento, Paulo assim se manifestou: Vivei, pois, em Cristo Jesus, o Senhor, assim como o recebestes, arraigados e fundados n’Ele, apoiados sobre a fé segundo a doutrina que aprendestes, transbordando em ação de graças. Cuidai de que ninguém vos leve novamente à escravidão com filosofias falazes e vãs, fundadas em tradições humanas, nos elementos do mundo e não em Cristo (Col 2,6-8). Em épocas posteriores, novos desentendimentos sobrevieram com respeito a outras passagens do texto paulino. Algumas acabaram provocando verdadeiras querelas e dissensões religiosas; quando não se tornaram o pivô de lutas ideológicas, algumas das quais se arrastam até a atualidade. Por exemplo, em Romanos e Gálatas, pairam dúvidas sobre se o homem se justifica pelas obras da lei, ou pela fé. Em Gálatas, encontramos:

Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, mas sim, pela fé em Cristo Jesus, temos

também crido em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei; pois por obras da lei nenhuma carne será justificada. Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, é porventura Cristo ministro do pecado? De modo nenhum. (Gal 2,16-17). Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou a vós, ante cujos olhos foi representado Jesus Cristo como crucificado? Só isto quero saber de vós: Foi por obras da lei que recebestes o Espírito, ou pelo ouvir com fé? Sois vós tão insensatos? Tendo começado pelo Espírito, é pela carne que agora acabareis? E, no entanto, Cristo previu estas querelas doutrinárias quando assim se manifestou: Não penseis que vim trazer paz a terra; não vim trazer paz, mas a espada. Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; e assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa (MT 10, 34-36). O chamado problema da “justificação pela fé” teve início quando Martinho Lutero se insurgiu contra a Igreja Católica porque esta vendia “indulgências” aos ricos e poderosos. O significado da indulgência era o de que a pessoa, por maiores que fossem os seus pecados, ainda sim iria para o Paraíso, por ter comprado antecipadamente o perdão. Para Lutero, o fiel se salvava apenas pela sua fé, e as “boas obras”,

neste caso, seria apenas uma contrafação. As indulgências, entretanto, não eram uma novidade, tendo surgido no século anterior (XV) ao de Lutero. Em sua época, qualquer um que fizesse doações generosas à Igreja para a construção da Basílica de S. Pedro e S. Paulo estavam automaticamente salvos; mas o pior é que o dinheiro arrecadado servia mais para enriquecer os intermediários. Além disso, o papado nesta época era uma fonte constante de mortificação para os cristãos: cismas, disputas e comportamentos imorais já incomodavam muitos clérigos mais piedosos. Este misto de escândalo secular e mundano acabou por provocar a revolta de Lutero, o qual acabou sendo a voz pela qual eles expressaram sua indignação. Em 1517 apresentou 95 teses contra esta prática, as quais abriram um debate teológico que se espalhou por toda a Alemanha; cerca de três anos depois, ocorreu o rompimento.

Será que padeceste tantas coisas em vão? Se é que isso foi em vão. Aquele pois que vos dá o Espírito, e que opera milagres entre vós, acaso o faz pelas obras da lei, ou pelo ouvir com fé? Assim como Abraão creu a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Sabei, pois, que os que são da fé, esses são filhos de Abraão. Ora, a Escritura, prevendo que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou previamente a boa nova a Abraão,

dizendo: Em ti serão abençoadas todas as nações. Gal 3,1-8. E em Romanos:

Porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado (ROM 3,20). Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça, mas a justiça que vem da fé. Mas Israel, buscando a lei da justiça, não atingiu esta lei. Por quê? Porque não a buscavam pela fé, mas como que pelas obras; e tropeçaram na pedra de tropeço (ROM 9,30-32). De acordo com o E.B.D., o termo “justificação” (justification) significa: “A forensic term, opposed to condemnation”. As regards its nature, it is the judicial act of God, by which he pardons all the sins of those who believe in Christ, and accounts, accepts, and treats them as righteous in the eye of the law, i.e., as conformed to all its demands. In addition to the pardon (q.v.) of sin, justification declares that all the claims of the law are satisfied in respect of the justified. It is the act of a judge and not of a sovereign. The law is not relaxed or set aside, but is declared to be fulfilled in the strictest sense; and so the person justified is declared to be entitled to all the advantages and rewards arising from perfect obedience to the law (Rom. 5:1-10).

It proceeds on the imputing or crediting to the believer by God himself of the perfect righteousness, active and passive, of his Representative and Surety, Jesus Christ (Rom. 10:3-9). Justification is not the forgiveness of a man without righteousness, but a declaration that he possesses a righteousness which perfectly and forever satisfies the law, namely, Christ's righteousness (2 Cor. 5:21; Rom. 4:6-8). The sole condition on which this righteousness is imputed or credited to the believer is faith in or on the Lord Jesus Christ. Faith is called a "condition," not because it possesses any merit, but only because it is the instrument, the only instrument by which the soul appropriates or apprehends Christ and his righteousness (Rom. 1:17; 3:25, 26; 4:20, 22; Phil. 3:8-11; Gal. 2:16). The act of faith which thus secures our justification secures also at the same time our sanctification (q.v.); and thus the doctrine of justification by faith does not lead to licentiousness (Rom. 6:2-7). Good works, while not the ground, are the certain consequence of justification (6:14; 7:6). "6767 "Um termo forense, oposto a condenação. Em relação a sua natureza, é um ato judicial de Deus, através do qual Ele perdoa todos os pecados daqueles que creem em Cristo, e avalia, reconhece e trata-os como virtuosos aos olhos da lei, ou seja, de conformidade com todas as suas exigências.

Em adição ao perdão (q.v.) do pecado, a justificação declara que todas as exigências da lei estão satisfeitas com relação ao justificado. É o ato de um juiz, e não de um soberano. A lei não é mitigada nem deixada de lado, mas é declarado estar cumprida no mais estrito sentido; e então a pessoa justificada é declarada estar autorizada a ter todas as vantagens e regalias que surgem da perfeita obediência à lei (Rom. 5:1-10). Prossegue pela imputação ou crédito ao crente, por Deus mesmo, da perfeita virtuosidade, ativa e passiva, de seu Representante e Fiador, Jesus Cristo (Rom. 10:3-9). A justificação não é a absolvição de um homem não virtuoso, mas a declaração de que ele possui a virtuosidade que, perfeitamente e para sempre satisfaz a lei, a saber, a virtuosidade de Cristo (2 Cor. 5:21; Rom. 4:6-8). A única condição pela qual esta virtuosidade é imputada ou creditada ao crente é a fé em ou no Senhor Jesus Cristo. Fé é denominada ‘condição’, não porque possua qualquer mérito, mas somente porque é o instrumento, o único instrumento pelo qual a alma se apropria ou apreende Cristo e sua virtuosidade (Rom. 1:17; 3:25; 26; 4:20, 22; Phil. 3:8-11; Gal. 2:16). O ato de fé que assegura nossa justificação assegura também, ao mesmo tempo, nossa santificação (q.v.); e então a doutrina da justificação pela fé não conduz à licenciosidade (Rom. 6:2-7). Boas obras, embo-

ra não sejam a causa, são a consequência infalível da justificação (6:14; 7:6). Desta definição, podemos concluir que “justificação” é um termo jurídico que tem o aspecto legal de uma declaração que “satisfaz a lei” (a Lei Divina, no caso). É uma “recompensa por seguir a lei”, que tem uma única condição: a fé. Entretanto, podemos ver que existe uma consequência inelutável: as boas obras são a consequência da fé (“embora não sejam a causa, são a consequência infalível da fé”). Então, “fé” é o pressuposto básico sem o qual não advirão “boas obras”. Ou, dizendo de outra maneira: a fé conduz às boas obras: E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras (Heb 10,24). Pois também Pedro assim diz: Tendo o vosso procedimento correto entre os gentios, para que naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, observando as vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação (1 Pedro 2,12).

V – A doutrina de Paulo

A Pregação de Paulo

Devido ao pequeno número de cartas que conhecemos, é duvidoso concluir que elas fossem o meio utilizado para a catequização; o mais provável é que esta seria feita através de pregação oral direta. Quando Paulo formava uma comunidade, ao partir ele deixava presbíteros incumbidos de cuidar de manter a fé entre os convertidos, bem como de prosseguir a catequese. Estes prosseguiriam segundo o caminho delineado por Paulo, e somente quando ocorriam desvios, erros ou intromissões, se socorriam de Paulo, que lhes escrevia para corrigir problemas e elucidar questões duvidosas. O mesmo acontecia nas comunidades criadas por discípulos seus. As epístolas serviriam, então, somente como forma de corrigir erros, fazer orientação doutrinária e exortações, orientar sobre a formação da comunidade e estabelecer normas e disposições gerais para a vida em comum. O seu conteúdo, então, pode ser dividido basicamente em parte doutrinária, e parte moral; mas definitivamente, não catequética, com exclusividade. A pregação não deveu esquecer era a primeira etapa do processo de conversão. Se o indivíduo aceitasse a doutrina, para que fos-

se aceito na comunidade cristã ele deveria ser batizado. A cerimônia do batismo provavelmente seria cumprida em uma etapa posterior. Em sua maioria, os primeiros conversos eram pessoas humildes, trabalhadores manuais (o próprio Paulo, como vimos, tinha por mister a confecção de tendas). Os primeiros cristãos⁷⁰ espalharam-se pela Grécia, tendo alguns seguido para Roma onde se juntaram aos judeus que lá viviam. De início, Não se deve esquecer que as longas distâncias e a precariedade das viagens tornavam inviáveis trocas extensas de correspondência, ainda que levadas por mensageiros. Sob Augusto, organizou-se um complexo sistema de traslado de correspondência oficial, o qual utilizava vias marítimas e/ou terrestres. De Roma a Alexandria os mensageiros levavam 63 dias; de Roma a Cesaréia, 54 dias; de Roma à Síria, até cem dias. Por exemplo, quando escreve aos colossenses ou aos efésios, sua intenção é dirimir dúvidas, esclarecer a doutrina e alertar contra o que ele chamava de “falsos profetas”. O nome de “cristão” só veio a ser adotado a partir de cerca do ano 60, em Antioquia; antes, só se tratavam por irmãos, santos, fiéis, nazarenos ou galileus. Paulo, que no começo ainda pretendia circuncidar seus seguidores, logo abandonou tal prática e esta decisão contribuiu para separar os seguidores do nascente cristianismo, da religião judaica. Os discípulos originais de Jesus, por sua vez, hesitavam em separar a sua prática religiosa da prática religiosa

judaica. Nestes primeiros tempos ainda não havia uma completa separação entre os ritos cristãos e judaicos, e isto deu margem a diversos acontecimentos dúbios, tais como o de Paulo, bem como os dos discípulos Pedro, Jaime e João, por sua vez censurados por Paulo, em Antioquia, por seus “atos condenáveis”.

A Fé Segundo Paulo

A Epístola aos Romanos, muito embora não tenha sido a primeira a ser escrita por Paulo, foi colocada em primeiro lugar no texto bíblico devido ao seu aspecto teológico clássico. O conteúdo doutrinário básico da pregação de Paulo, os contornos e limites de sua “teologia” estão praticamente definidos nesta epístola. No início, Paulo faz sua profissão de fé e revela sua crença no evangelho como verdade revelada: Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque no evangelho é revelada, de fé em fé, a justiça de Deus, como está escrito: Mas o justo viverá da fé. Pois do céu é revelada a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça (ROM 1,16-18). Quando Paulo introduziu estrangeiros no Templo, ele foi acusado pelos judeus de tentar destruir a lei mosaica. Para defender-se, ele foi obrigado a “judaizar”, ou seja, a seguir os ritos judaicos. Tais atos não o livraram da acusação de impiedade, e seu processo criminal foi levado adiante. Pedro, que comia à mesa com gentios, não guardava os preceitos judaicos; quando chegam alguns judeus cristãos, ele muda de comportamento e evita as

carnes proibidas. Em continuação, ele adverte contra a falsa sabedoria e contra os falsos sábios, que sequer conseguem perceber que por trás dos fenômenos e maravilhas do mundo se oculta à glória de Deus: Porquanto, o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, contudo não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes nas suas especulações se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se estultos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis (ROM, 1,19-23). Paulo se torna rigoroso quando admoesta aqueles que violam a virtude cristã. Ele não permite tergiversação nem dá margem a interpretações dúbias; sua mensagem é clara e direta: Por isso Deus os entregou nas concupiscências de seus corações, à imundícia, para serem os seus corpos desonrados entre si; pois trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura antes que ao Criador, que é 73. Já em sua época, Paulo se queixava do excesso de prepotência dos “sábios” e doutores da lei, que também foram confrontados por Jesus. Em nossa época, quando todos acham que

podem dar opinião sobre tudo e todas as coisas, não são apenas os pretensos sábios que se excedem. O excesso de liberalismo pretende autenticar e expor como se fossem “normais”, tipos de comportamentos que vão contra tudo o que TODAS as religiões condenam. Hoje se esquece facilmente que, quando Jesus aceitou entre seus seguidores, pecadores, prostitutas e assassinos, só o fez com uma condição: “Não pequem de novo”. Isto os tornava, claramente, conversos que eram: ex-pecadores; ex-prostitutas; ex-assassinos. Convertidos, arrependiam-se de seus pecados e procuravam viver uma nova vida, dedicados, como Paulo bem exprime, “às primícias do espírito”. Conforme também 1 Cor 1,20-21: Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o questionador deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como na sabedoria de Deus o mundo pela sua sabedoria não conheceu a Deus, aprouve a Deus salvar pela loucura da pregação os que creem benditos eternamente. Amém. Pelo que Deus os entregou a paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural no que é contrário à natureza; semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para como os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro. E assim como eles rejeitaram o conhecimento de Deus, Deus, por sua vez, os entregou a um sentimento

depravado, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a injustiça, malícia, cobiça, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, dolo, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais; néscios, infíeis nos contratos, sem afeição natural, sem misericórdia; os quais, conhecendo bem o decreto de Deus, que declara dignos de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que as praticam (ROM 1, 24-32). Paulo, como seguidor de Cristo, não poderia desconhecer as exigências da conversão, e ele chama constantemente a atenção para elas. Para ele, o converso, ou seja, aquela pessoa que aceita a doutrina de Cristo, não deve transigir, nem “servir a dois senhores”. Como primeiro passo, ele entende que devemos reconhecer que o pecado habita em nós e força nosso comportamento. Somente a partir desse entendimento podemos aceitar que a prática dos preceitos cristãos (imitação de Cristo) pode dar-nos a força necessária para superarmos nossas ignomínias. Entretanto, reconhece a dificuldade do empreendimento e sabe que não é fácil mudar a si mesmo: Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Agora,

porém, não sou mais eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; com efeito, o querer o bem está em mim, mas o efetuar-lo não está. Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico. Ora, se eu faço o que não quero já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim (ROM 7, 14-20). Conforme diz CUT, “Este conflito constitui uma batalha real, cruel e sustentada na experiência de todo cristão; sua mente se deleita na lei de Deus, desejoso de cumpri-la, porém sua carne se opõe obstinadamente a ela e se nega a toda possibilidade de submissão” (John R. W. CUT, *A Mensagem de Romanos 5-8*, pág. 70). E ainda: “Cada vez que tomamos consciência dos desejos e da depravação de nossa natureza caída, e do conflito irreconciliável entre nossa mente e nossa carne desejou estar livres do pecado e da corrupção que habita em nós e exclamamos: ‘Infeliz de mim’” (John R. W. CUT, *A Mensagem de Romanos 5-8*, pág. 71). Paulo claramente compreendeu que a luta pela redenção divina se tornava inseparável da luta interior pela perfeição: Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, obedecendo vós às concupiscências; nem dei vossos membros ao pecado, como armas de iniquidade, mas antes vos ofereci a Deus, como mortos que tornaram à vida, e daí vossos membros a Deus como armas de justiça (ROM 6 12-13). Pois que o homem redimido alcança a vida eterna,

mas o pecador só consegue a morte: Não é a morte física, mas a morte espiritual. “Como diz González Ruiz: “A ‘morte’ tampouco se refere unicamente ao puro desenlace biológico do homem, mas é considerada,” existencialmente, num contexto marcado pelo ‘mistério’ ou desígnio divino sobre a existência humana” (José María González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, pág. 112). Pois o estipêndio do pecado é a morte; mas o Dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus Nosso Senhor (ROM 6,23). Nesta epístola, como podemos ver Paulo não se cansa de exortar os fiéis a quem vivam segundo o espírito, e não segundo a carne: Porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis (ROM 8,13). Aqui também encontramos a famosa exclamação de fé plena em Deus: Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?(ROM 8,31). Com todas estas contínuas exortações, Paulo pretende mostrar que o único caminho que deve ser trilhado pelo batizado no espírito passa ao largo dos apelos e tentações do mundo; ele dá o exemplo de si próprio, mostrando que este caminho é espinhoso e talvez difícil de ser realizado (“Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis”), mas não impossível (“se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”), até porque a carga é dada segundo cada um possa carregá-la. Mas

esta obra de salvação se tem uma índole pessoal através do esforço do fiel, por outro lado está, já de início, plenamente garantida pela fé: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (João 11,25). Conforme Gal 5,17. Conforme 1 Cor 10, 13: Não vos sobreveio nenhuma tentação, senão humana; mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o meio de saída, para que a possais suportar. Assim também em Tiago 2,26: Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Condenação dos Erros

Paulo não teve que lutar apenas contra os erros dos não conversos; dentro das próprias comunidades cristãs interesses pessoais levaram a deturpações da doutrina e a desvios da moral. Quando alguns membros da comunidade insistiram em levar uma vida dupla, como se fosse possível conciliar vício e virtude, Paulo não titubeou em ordenar que se cortassem as relações com estes “provocadores de escândalo público”. Paulo repreende severamente aqueles que intentam criar uma pretensa separação entre corpo e espírito, querendo fazendo crer que conspirações deste tipo eram aceitáveis porque o espírito “não se deixava conspirar pela matéria”.

Pregação Conforme o Entendimento

Quando escreve aos coríntios, Paulo não pretende convencer pelo método dialético ou lógico-racional; ao contrário, ele busca um entendimento com raízes no coração, talvez porque tenha compreendido que suas palavras seriam vãs, se usasse uma linguagem e argumentos excessivamente espirituais:

E eu, irmãos, não pude falar-vos como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não vos dei comida sólida, porque não podíeis. E nem mesmo agora podeis. Porque ainda sois carnis. Já por carta vos escrevi que não vos comunicásseis com os que se prostituem; com isso não me referia à comunicação em geral com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo (1 Cor 5,9-10). Paulo quer mostrar que os erros humanos cometidos são sempre os mesmos, pois possuem a mesma origem. Ele prega o perdão e a conversão e sempre espera que as pessoas sejam capazes de reconhecer os seus erros. Se não o fazem, ele exorta aos conversos que se apartem desses pecadores. E se assim age, não o faz por orgulho ou jactância, mas para aqueles não se contaminem com o erro desses desviados do

Caminho. Conforme também: Ora, qualquer que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, pois é criança; mas o alimento sólido é para os adultos, os quais têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal (Heb 5,14), invejas e discórdias, não prova isso que sois carnis e viveis uma vida puramente humana?(1 Cor 3,1-3). Através de Paulo o próprio Espírito se manifesta, em sua linguagem, que são palavras contundentes dirigidas não à mente, mas ao coração. Quando Paulo se refere à sabedoria, ele esclarece que é um “mistério” de Deus, que nada tem a ver com a “sabedoria” do mundo: A minha linguagem e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito de poder; para que a vossa fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. Na verdade, entre os perfeitos falamos sabedoria, não, porém a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que estão sendo reduzidos a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, que esteve oculta, a qual Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória (1 Cor 2,4-7). E estas palavras possuem um sentido universal e ecumênico, pois que se dirigem a todas as pessoas: Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gal 3,28). Ou: Onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro,

cita, escravo ou livre, mas Cristo é tudo em todos (Col 3,11). Desde o início de sua pregação Paulo começou a dar mais importância ao batismo e à doutrina segundo o espírito cristão, separando-se progressivamente de costumes tradicionais arraigados e estranhos aos gentios. Assim como Jesus fazia, ele afastou-se de uma prática religiosa extremamente ritualizada, com estranhas proibições que no seu entender, já não mais se adequava aos novos tempos. Sobre várias prescrições, inclusive alimentares, ele assim se manifesta: Comei de tudo quanto se vende no mercado, nada perguntando por causa da consciência (1 Cor 10,25). Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados (Col 2,16). Como antigo fariseu, Paulo sabia que o excessivo apego à letra da lei aprisionava o espírito, ao invés de libertá-lo. Sendo assim, ele tem o cuidado de alertar para que os fiéis não se apegassem em demasia à letra, assim impedindo a manifestação do Espírito: O qual também nos capacitou para sermos ministros dum novo pacto, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica (2 Cor, 3,6).

Paulo, Apóstolo da Modernidade?

Nossa época moderna, sob determinado ponto de vista, constitui um verdadeiro paradoxo. Por um lado, pode-se dizer que a o objetivo maior de Paulo foi atingido em uma proporção que talvez o deixasse verdadeiramente espantado. A pregação cristã atingiu os mais longínquos rincões do mundo, transformando o cristianismo em uma das maiores religiões do mundo. Em seu dia-a-dia, o judeu que seguia os preceitos da Lei tinha praticamente cada um de seus atos regrados por 613 prescrições, que ele tinha que cumprir à risca. Em matéria religiosa, o tratado do Sabbat tinha 24 capítulos e 139 disposições ou normas cujo rigor era igualmente asfixiante. As maiores religiões do mundo são (não estão em ordem numérica e nem por ordem de importância): Bramanismo, Budismo, Confucionismo, Xintoísmo, Lamaísmo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo. Nenhuma grande religião permaneceu íntegra, pois que ao longo dos anos sempre surgiram interpretações sobre doutrina e dogmas que acabavam provocando dissidências. Por outro lado, não é possível dizer que a pregação cristã tenha alcançado todos os objetivos a que se propunham os discípulos e apóstolos. Não escapa a ninguém que, curiosamente, enquanto sobram religiões, o homem ca-

rece da presença do espírito. Nossa época é muito religiosa, mas muito pouco espiritual. Conflitos em nome da religião apagam todo verniz de civilização e trazem à tona o instinto bélico de destruição e o furor assassino entre os litigantes. Assim também as infundáveis polêmicas religiosas. Ainda que o ecumenismo tenha crescido, ainda assim o zelo religioso o acompanhou, e com ele o desprezo e o ódio pela crença alheia. O fundamentalismo, que se encontra em todas as grandes religiões, pode ser interpretado de duas formas: de um lado, como um excesso de zelo religioso, que pode chegar às raias da violência em sua defesa da crença; por outro, como uma resposta visceral ao ateísmo e a descrença, “doenças” da civilização. Em todo este contexto, a mensagem de Paulo também pode ser considerada sob dois ângulos diversos. Como uma mensagem superada, tanto porque o mundo já está quase cristianizado, quanto pelo fato de que suas palavras já não são adequadas ao mundo moderno, com suas sofisticadas conquistas tecnológico e sua ciência capaz de tudo explicar. Após dois mil anos, as mudanças materiais foram dramáticas. O mundo atual é extremamente diferente daquele mundo restrito e limitado que se localizava na Palestina. A “grandeza” de Roma empalidece em comparação às modernas potências, e os feitos tecnológicos da atualidade fariam parecer aos contemporâneos de Paulo que nós “somos” deuses. No entanto, quando analisadas objetivamente,

sem apelos dogmáticos ou sem a imposição de qualquer tipo de autoridade, a mensagem paulina se torna verdadeiramente a histórica. Surfistas; no grande tronco do cristianismo temos as várias Igrejas Católicas (Ortodoxa e Romana) e o Protestantismo, como religiões derivadas, as quais por sua vez deram origem a uma extensa série de dissidências próprias (o Protestantismo pode ser considerado tanto uma seita dissidente do Catolicismo quanto uma religião própria, se considerarmos que dele, por sua vez, surgiram dezenas de dissidências: anabatistas, quakers, mórmons, exército da salvação, ciência cristã, adventistas, metodistas, testemunhas de Jeová, pentecostais, etc). Como já vimos, Paulo entende que o mundo e a história humana se circunscvem ao fenômeno Cristo. Não é possível depreender, de seus escritos, uma dimensão histórica, uma condição anterior e outra posterior a Cristo. Para ele, Cristo preenche toda a história, está omnipresente ao longo de todo o curso da evolução humana; é como uma luz que ilumina as trevas e nos aponta o caminho, desde o início até o final dos tempos. Embora não o diga especificamente, a crença de Paulo é idêntica à de João, que diz: Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andarás em trevas, mas terá a luz da vida. (João 8,12). Há, na pregação de Paulo, uma dimensão que poucas vezes é levada em conta. De conformidade com o que ele acreditava ser a relação

entre Cristo, o mundo e a humanidade, ele dirigia sua pregação não ao ser humano mortal, à personalidade, que ele chamava “a carne”. O que ele realmente visava era o seu espírito (alma), e isto tornava sua pregação verdadeiramente atemporal (e por isso mesmo, adequada a qualquer época). Mas, por considerar o corpo humano como o “templo do espírito”, ele sempre convocava à preservação de sua pureza: Para Teilhard de Chardin, um místico cristão moderno, Cristo é o Alfa e o Ômega da história. De acordo com o E.D.B.: “Do hebreu ruah; e do grego pneuma, propriamente vento ou sopro. Em 2 Tess 2-8 significa “sopro”, e em Ecl 8,8, o princípio vital no homem. Também denota a alma racional e imortal pela qual o homem se distingue (At 7,59; 1 Cor 5,5; 6,20; 7,34), a alma em seu estado separado (Heb 12,23), e por isso também uma aparição (Jó 4,15; Lc 24,37-39), um anjo (Heb 1,14), e um demônio (Lc 4,36; 10,20). Esta palavra também é usada metaforicamente para denotar uma tendência (Zac 12,10; Lc 13:11). Em ROM 1,4, 1 Tim 3,16, 2 Cor 3,17, 1 Pd 3,18, ela designa a natureza divina”. Aqui somos remetidos novamente ao problema da ressurreição e da sobrevivência, tema tão vasto que não poderemos discuti-lo aqui. Não sabeis que sois templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém profanar o templo de Deus, Deus, o destruirá. Porque o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós (1 Cor 3,16-17). Mas o corpo não é para

a prostituição, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo (1 Cor 6,13). Ainda que faça exortações à pureza corporal, Paulo não coloca o corpo em si mesmo (a “carne”) como a causa principal das fraquezas humanas: Pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes (Ef 6, 12). Em seu universalismo e atemporalidade, Paulo sabe que o homem sempre questionou e sempre questionará os limites da licitude, colocando em dúvida a autoridade dos que querem restringir sua liberdade. A isto, ele responde: Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas; mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas (1 Cor 6,12). Porque, para ele, Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus. (ROM 13,1) Paulo não se eximia de acusar aqueles que se negavam a mudar de vida e adotavam um comportamento aviltante e indecoroso; ainda que estas palavras, atualmente, sejam vistas como “ultrapassadas”, elas estão totalmente de acordo com os preceitos deixados por Jesus: aos que quisessem segui-lo, e mesmo aos que curava de suas enfermidades, Jesus dizia – “Vai, e não voltes a pecar”.

Pois, como diz também Agostinho: “Em que tempo ou lugar será injusto que ‘amemos a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa mente, e que amemos o próximo como a nós mesmos?’” Por isso as devassidões contrárias à natureza sempre e em toda parte se devem detestar e punir, como o foram os pecados de Sodoma. “Ainda que todos os povos as cometessem, estariam na mesma culpabilidade de pecado, segundo a lei de Deus, que não fez os homens para assim usarem de si”. (Santo Agostinho, Confissões, III,8,15). Se não é possível servir a dois senhores, também não é possível viver no pecado e na virtude. Para Paulo a Boa Nova a ser propagada era uma mensagem de libertação, que, entretanto não eximia ninguém de sua própria responsabilidade. Isto porque havia sempre outra mensagem subjacente, que não poderia ser deixada de lado: “O preço do pecado é a morte”. Não a morte física, propiciada pelo homem, mas a morte espiritual e a condenação “ao inferno”.

O Legado de Paulo

Uma questão interessante surge quando nos perguntamos sobre qual terá sido o real legado de Paulo. Seria ele, por exemplo, o responsável pela fundação da Igreja Católica? Juntamente com Pedro, teria Paulo dado início à hierarquia eclesiástica tal como esta existe hoje em dia? Jesus sempre se eximiu de emitir regras específicas sobre o modo de viver, com proibições ou limitações de qualquer tipo. Escandalizava os fariseus promovendo curas nos sábados, e não se deixava tolher por restrições alimentares (Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é o que o contamina: Mt 15,11). O que exortava continuamente era que todos fossem virtuosos, procurando a perfeição “do Pai”, e adotando a máxima: “Não façais aos outros o que não querem que vos façam”. O homem, em sua soberba, vai-se afastando deliberadamente da religião, achando que com isto pode fazer o que quiser. Proclama-se ateu, agnóstico, materialista, ergue às alturas a ciência e o mundo da matéria, mas em seu coração ele sabe que está condenado. Ainda que muitos considerem a religião uma quimera, toda a riqueza da vida moderna e a sua adiantada tecnologia não consegue preencher o vazio da existência. Os desvios da moralidade, que se

procuram interpretar como meras escolhas individuais de conduta têm como única consequência levar os seus participantes ao inferno da alma. Vários intérpretes querem ver este aspecto “eclesial”⁹⁰ em Paulo, como se ele fosse responsável pela instituição ou pela consolidação de uma “igreja” ou instituição religiosa oficial. Outra questão surge com respeito à pregação de Paulo: preocupou-se ele em erigir templos que se destinassem ao culto cristão? Pelo que sabemos, quando Paulo iniciou a sua pregação ele voltou-se inicialmente à congregação judaica. Em cada cidade por que passava, ele ia à sinagoga aos sábados, com o fito de expor seus argumentos. Quando esta vedou suas portas, e ao voltar-se Paulo para os gentios, sua pregação teve que realizar-se em praças ou vias públicas, em academias ou nas casas dos prosélitos. No início, evidentemente, não existia ainda uma religião organizada e os primeiros grupos cristãos eram muito pequenos. Aparentemente por este motivo, Paulo jamais se preocupou com erigir templos. Para ele, Deus não habitava em templos “feitos pelas mãos humanas”; assim o afirma nesta passagem: *De ekklêsía*, palavra grega que significa “assembléia”. Tem um sentido religioso na concepção judaica, onde também é usada. González Ruiz afirma que “a aplicação dos adjetivos elogiosos dedicados à *ekklêsía*, enquanto projeto de Deus, às comunidades históricas que pululavam no âmbito da única convocação divina para a salvação, é uma extrapolação

inadmissível” (José Maria González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, pág. 221). A Igreja Católica de Roma, como instituição, somente começou a se consolidar em razão de uma série de fatos históricos concretos. Após a morte de Pedro e de Paulo, executados em Roma, e também devido à diáspora dos judeus provocada pela destruição da cidade de Jerusalém, três centros religiosos começaram a disputar a primazia da condução desta nova “igreja”: Roma, Alexandria e Antioquia. A fragilidade teológica desta nova instituição é demonstrada pela quantidade de heresias que pululavam por todo lado. Nesta época começou a surgir uma espécie de sincretismo entre os temas cristãos, a tradição judaica, a gnose e as filosofias helenísticas. Justino (falecido em 165) e Irineu (falecido em 200) começaram a combater as heresias, muito embora não existisse ainda um corpo doutrinário consolidado para ser defendido. Com o tempo, Roma conseguiu se impor (o que aconteceu entre 60 e 200), e sobre a infra-estrutura congregacional criada por Paulo estendeu-se, aos poucos, o manto da liderança proveniente do bispo de Roma (que só depois passou a ser chamado de Papa). Sinagoga, do grego *synagoge*, assembleia. Privados do Templo durante o cativeiro na Babilônia, os judeus realizavam seus ofícios religiosos nas sinagogas. As sinagogas eram administradas por um ancião, o *arquisynagogos*, ou por um conselho de três anciãos (modernamente, a sinagoga é presidida por um rabino). Na época de Pau-

lo, a hierarquia sacerdotal ficava no Templo construído pelo rei Herodes, em Jerusalém. O Deus que fez o mundo e todas as coisas que há nele, esse, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homem, nem por mãos humanas é servido, como se necessitasse de alguma coisa, sendo Ele mesmo quem dá a todos a vida, o alento e todas as coisas (At 17,24-25). A única afirmação que se pode fazer com segurança é que Paulo deu origem a um sistema de crenças religiosas que foi a origem do catolicismo. Afinal de contas, todos os institutos, dogmas e cultos estavam já de certa forma presentes em suas epístolas, que são bem anteriores aos Evangelhos. Quanto a Igreja Católica (do grego *katholikos*, ou universal), suas sementes, como instituição, foram lançadas pela linhagem apostólica (comumente conhecida como “hierarquia nazarena”) em que pontificaram Tiago, primeiro, e Pedro posteriormente. Um último argumento: Paulo, com toda a certeza, não desejava impor sobre seus prosélitos nenhuma autoridade mundana (que acompanha sempre as instituições oficiais), pois que os alertava contra qualquer submissão da vontade: Não sabeis que, oferecendo-vos a alguém para lhes obedecerdes, vos tornais escravos daquele a quem vos sujeitais, seja do pecado, para cair na morte, seja da obediência, para alcançar a justiça? (Rom 6,16). Quanto ao que Paulo pretendia dizer, qual era sua pregação ou ministério, pode ser visto claramente nas passagens se-

guintes: Pelo que, tendo este ministério, assim como já alcançamos misericórdia, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as A Pedro sucederam Lino e Cleto, que dirigiram a comunidade de Roma por mais de vinte anos. Clemente, que os sucedeu, menciona a existência de duas hierarquias paralelas, a de Pedro (nazarena) e a de Paulo (paulina). É um fenômeno sempiterno, a existência de seitas “apocalípticas” que terminam pela morte de seus seguidores. Entre os casos mais dramáticos da atualidade temos o da seita liderada pelo “reverendo” Jim Jones, o “Templo do Povo”, que em 1978 desembocou no dramático suicídio de cerca de novecentas pessoas. Coisas ocultas, que são vergonhosas, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; mas, pela manifestação da verdade, nós nos recomendamos à consciência de todos os homens diante de Deus. Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perde que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor; e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, é quem brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2 Coríntios 4,1-6). Entre os quais todos nós também antes

andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas (Ef 2,3-10).

VI - O esoterismo cristão

A Disciplina do Arcano

Conforme vimos, as epístolas realmente não apresentam, exceto de forma indireta, o que realmente era ensinado sobre a doutrina para as comunidades e para os convertidos. Além da apologética e da contínua exortação de Paulo a uma vida cristã, os textos epistolares, talvez com a exceção das Epístolas aos Efésios e Epístola aos Hebreus (como veremos adiante), não apresentam realmente o verdadeiro conteúdo doutrinário daquilo que era ensinado oralmente aos batizados. Podemos ler nos evangelhos que Jesus tinha duas formas diferentes de ensinar. Aos apóstolos (“iniciados”) eram ensinados os “mistérios do reino dos céus”; aos outros se ensinava apenas através de parábolas. Se estas palavras levavam à reflexão e os ouvintes pediam explicações, Ele as poderia dar de forma mais abrangente, com menor simbolismo e maior concretude. A própria Igreja Católica, embora nos primeiros tempos aceitasse qualquer um como candidato ao batismo, após algum tempo, percebendo a facilidade com que surgiam heresias a partir de interpretações pessoais da doutrina, passou a exigir um tempo de “provação” para o candidato:

E chegando-se a ele os discípulos, perguntaram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Respondeu-lhes Jesus: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; pois ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e ouvindo, não ouvem nem entendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, e de maneira alguma entenderéis; e, vendo, vereis, e de maneira alguma perceberéis (MT 13, 10-14). Principalmente se o neófito se deixava influenciar por outros ensinamentos. Nos primeiros séculos proliferaram interpretações a respeito da natureza de Cristo (se o seu corpo era consubstancial ou não com Deus; se o seu corpo era físico ou etéreo; se era filho de Deus ou apenas um homem, etc), expressas nas filosofias de Ário, Mani, Nestório e outros (Agostinho, antes de converter-se, aceitava a doutrina maniqueísta). A corrente doutrinária majoritária classificava tais interpretações como “heresias”. “Depois de um período de relativa facilidade em admitir candidatos ao batismo, a Igreja, a partir do 2º século, estabelece regras e período de duração para o catecumenato”. Longas instruções e rituais complicados, durando três anos, precedem a administração solene do sacramento do batismo. Existe uma verdadeira ordem ou categoria de catecúmenos, como um estádio entre o desejo de ser cristão e a ad-

missão no grupo dos fiéis. Os catecúmenos só assistem à primeira parte da eucaristia. Fazem parte da categoria dos ouvintes, passando depois à categoria dos eleitos ou dos iluminados (photizomenoi). “As catequeses de Tertuliano, de Orígenes, de Hipólito, de Sto. Ambrósio e de Cirilo de Jerusalém atestam esta prática e quase instituição” (Frei Raimundo Cintra. Cristianismo e Esoterismo, pág. 52). Os primeiros bispos da Igreja Católica, tais como Clemente de Alexandria (falecido em 215), Orígenes (falecido em 254), São Basílio (falecido em 379), São Cirilo de Jerusalém (falecido em 386), entre outros, exaltavam o que chamavam a “disciplina do arcano”, uma teologia mística com influência dos chamados “mistérios”. Segundo Riffard, citando Clemente de Alexandria: “A gnose [é] transmitida oralmente por via de sucessão, conquistada desde os Apóstolos a um número reduzido de detentores” (Pierre Riffard, O Esoterismo, pág. 219). Sobre isso, Hoeller diz que: “Os dois padres que estiveram mais próximos em tempo e localização geográfica do florescente Gnosticismo, Clemente de Alexandria e Orígenes, cuja ortodoxia não se questiona hoje, descreveram a vida cristã segundo a imagem de uma escada de ascensão. Clemente afirmou que a alma progride da Segundo São Jerônimo e Eusébio, quando a Igreja foi se constituindo, aos poucos foram se distinguindo cinco ordens diferentes: os vigilantes, episcopoi, donde provieram os bispos; os decanos da sociedade,

presbyteroi, os padres; os diaconi, os serventes ou diáconos; os pistoi, fiéis iniciados, isto é, os batizados, que participavam nas ceias; e os catecúmenos e energúmenos, que aguardavam o batismo. Tudo isto, no entanto, acabou sendo rejeitado pela Igreja a partir do século VI, quando esta colocou “o catecismo acima da gnose”. Quando aboliu a “disciplina do arcano”, a Igreja Católica o fez porque este já não tinha mais razão de ser. Ritos que eram realizados nas catacumbas já eram feitos à vista de todos. Palavras secretas, senhas, imagens, os quais tinham servido extensamente para identificar entre si os cristãos ameaçados pela perseguição, tornaram-se inúteis quando a religião alcançou, por assim dizer, a superfície. Com Constantino, em 313, o cristianismo deixa de ser perseguido; a partir daí, já não havia mais necessidade de segredo. Mas conforme vimos, a Igreja se resguardou por outros meios. Expondo os mistérios cristãos, por assim dizer, às claras, ela forçou a que os candidatos ao batismo tomassem mais tempo a estudá-los, e hierarquizou de forma mais rígida as etapas do catecumenato. Além disso, a doutrina exotérica¹⁰⁰ cristã foi diluída e simplificada. ¹⁰¹ Em época posterior, como medida final, a Igreja proibiu a leitura da Bíblia (os textos canônicos) aos que não tinham completado trinta anos. A missa, que nas primeiras comunidades cristãs era um simulacro da Última Ceia, tornou-se extremamente ritualizada, pela assimilação de conteúdos encontrados nos mistérios, principalmente no Mistério

de Mitra. Mas foi só em 392, com o édito de Teodósio, que o cristianismo foi declarado religião oficial. Exotérico é o ensinamento que se destina ao vulgo; geralmente, limita-se às questões superficiais da doutrina. Esotérico é o ensino em profundidade destinado àqueles que realmente podem compreendê-lo: os iniciados (no caso dos cristãos primitivos, aqueles que receberam o batismo). Muito cedo a Igreja começou a condensar os dogmas e proposições doutrinárias em fórmulas abreviadas, adequadas ao entendimento popular. Foi assim que surgiu, por exemplo, o chamado “Símbolo Apostólico” (*symbolum apostolicum*), ou “Credo Apostólico”, um “resumo da fé” usado inicialmente na Igreja de Milão e que, alega-se, provinha diretamente dos doze apóstolos. Este credo, oficializado no Concílio de Nicéia (324), teve seu texto ligeiramente redefinido no Concílio de Constantinopla (381), tornando-se aquele que até hoje é recitado na missa. Gregório VII, Papa de 1073 a 1085, proibiu a vulgarização da Bíblia. Este ato foi confirmado pelo Concílio de Tolouse em 1229. A leitura “popular” da Bíblia somente se tornou possível após o advento da prensa tipográfica em 1450, com Gutemberg, e devido também à vulgarização levada a efeito por Lutero, que a traduziu para o alemão (antes só havia edições em latim e grego). Esta leitura, se por um lado contribuiu para a difusão da palavra divina, por outro deu margem aos várias cismas religiosas e ensejou novas.

O Ensino Secreto de Paulo

Na época de Paulo, quando o impulso dado à propagação da Boa Nova ainda era bastante recente, a preocupação maior era a de conseguir o máximo de prosélitos. Através dos discípulos e através de Paulo, a difusão do cristianismo se fez tal como um rastilho de pólvora, com uma rápida expansão. A pregação cristã, curiosamente, era assimilada com muito mais facilidade pela população mais simples, que se convertia não tanto em virtude dos sinais e dos prodígios, nem em razão unicamente dos exorcismos e das curas realizadas pelos apóstolos, mas principalmente pela palavra e pela fé. Conforme relata a tradição sinóptica, a fé não provinha dos sinais e prodígios, mas os propiciava. A pregação cristã não ocorreu num vácuo de religiosidade; de início, o judaísmo, que ainda era proselitista, fez várias conversões em meio às perseguições. Lutero e Calvino, insurgindo-se contra o Papa, deram origem à reforma religiosa mais profunda no seio da Igreja Católica. Tiveram seguidores na Alemanha, Suíça, estados escandinavos e sul da França. Neste país, seus seguidores eram chamados de huguenotes e de livres-pensadores. Mas à Reforma seguiu-se a Contrarreforma, e do antagonismo mútuo surgiu um clima de intolerância e perseguição religiosa que viria a

perdurar por muito tempo e iria modificar a vida de milhares de pessoas. “Quando Jesus ordena a seus” seguidores que preguem a vinda do reino, também os encarregam, ao mesmo tempo e como parte da mesma missão, de expulsar demônios, curar os enfermos e oferecer o perdão para seus pecados – três formas de dizer a mesma coisa, pois as palavras que significam ‘curar’, ‘expulsar demônios’ e ‘perdoar os pecados’ eram sinônimos intercambiáveis. “O exorcismo, a cura e o anúncio da chegada do reino eram maneiras de libertar as pessoas do domínio de Satã” (Norman Cohn. *Cosmos, Caos e o Mundo Que Virá*, pág. 257). 104 “A religião é uma terapêutica ‘revelada por Deus’”. Suas ideias provêm de um conhecimento pré-consciente, que se expressa, sempre e por toda parte, através dos símbolos. Embora nossa inteligência não as apreenda, elas estão em ação porque nosso inconsciente as reconhece como expressão de fatos psíquicos de caráter universal. “Por isso basta à fé, quando existe” (C.G Jung, *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*, pág. 89). Conforme Mt 8,13; 9,2; 9,22-29; 15,28; 21,22; Mc 2,5; 5,34; 10,52; 11,22-24; Lc 1,45; 5,20; 7,50; 8,48; 17,6; 17,19; 18,42. O judaísmo, muito embora não fosse ortodoxo em razão de suas várias seitas, sempre tinha sido catequético e proselitista, tendo buscado ativamente a conversão dos demais povos à sua crença (já sabemos como as sinagogas eram frequentadas tanto por judeus de nascimento quanto

por “judeus” conversos, entre os quais havia grande quantidade de gregos). Esta atividade não foi interrompida nem pela derrota no ano 70 nem pela diáspora. Foi somente por volta do ano 138 que o sucessor de Adriano, Antonino Pio, cessou a perseguição aos judeus com a condição de que eles encerrassem sua atividade catequética. Esta pregação feita pelos judeus se fazia entre os denominados pagãos, que eram os adoradores dos vários deuses e deusas que existiam no Panteão dos vários povos. Isto significa que a conversão ao judaísmo conseguia um grande trunfo: tornar monoteístas os adoradores de múltiplos deuses. Além de trazer uma ideia nova à vida religiosa da época (a crença em um único Deus), pode-se dizer que foi o judaísmo a primeira religião a lutar para pôr fim aos sacrifícios humanos. Conforme diz Charles Potter: “No ano 621 a.C., o Deuteronômio foi ‘encontrado’ no templo quando este sofria reparos. Deuteronômio significa ‘segunda lei’, constituído o livro de uma nova revisão das leis de Moisés, evidentemente levada a efeito por sacerdotes virtuosos do templo como parte de um projeto de reformas que há muito se impunham. O rei Josias deu a sua aprovação a este novo movimento, ordenando a leitura pública do livro no templo. Rei e súditos prometeram cumprir as leis do novo código. Tudo que se prendia aos rituais do culto de Baal foi removido do templo e queimado. O vale de Hinnon, onde se praticava o sacrifício de crian-

ças, foi considerado impuro e o costume proibido. Os vários centros em todo o país onde se praticava a idolatria de Baal foram destituídos de qualquer caráter sagrado, e mesmo o culto de Yahweh só fora permitido em Jerusalém” (Charles Francis Potter, *História das Religiões*, pág. 114). Na verdade, qualquer tentativa de conversão, a partir daí, tornou-se ofensa capital. Até a atualidade, o judaísmo (religião) permanece nesta condição. Quando Paulo pregava nas sinagogas, ele o fazia a judeus e a gregos convertidos ao judaísmo. Apesar da multiplicidade de deuses, havia certo sincretismo, ou seja, um amálgama de imagens e naturezas diversas. Por exemplo, Osíris, deus egípcio da natureza e dos mortos, era análogo ao Dionísio dos gregos; Adônis se equiparava ao Osíris fenício e ao Adonai dos hebreus; Átis era outro deus grego análogo a Adônis; Mitra, deus dos persas, era associado a Ahura-Mazda; o Hermes grego se identificava ao Thot egípcio e ao Mercúrio romano; a Afrodite grega confundia-se com a Vênus romana; Diana em Roma era a mesma Artêmis dos gregos. Para Elaine Pagels, “o que separava os pagãos de cristão, (...), não era tanto o monoteísmo, já que um grande contingente dos primeiros tendia para isso, mas o conservantismo básico dos mesmos”. A adoração pagã prendia o indivíduo a um só lugar no mundo e solicitava do adorador que cumprisse quaisquer obrigações que o destino, os fados ou ‘os deuses’ determinassem. “Conforme vimos, Mar-

co Aurélio a todo instante nos lembra de que a religiosidade significa assumir uma atitude reverente em relação a responsabilidades familiares, sociais e nacionais” (Elaine Pagels, *As Origens de Satanás*, pág. 185). As práticas abomináveis do sacrifício humano, comuns nas épocas mais recuadas, foram substituídas por Salomão e Davi por ritos sacrificiais nos quais se ofereciam touros, carneiros, bodes e pombos, os quais eram abatidos e queimados no altar do Templo pelo sacerdote. Como prova de que o sacrifício humano não era considerado uma aberração nesta época, temos aquela famosa passagem bíblica em Gen 22,1-16, em que Abraão deveria imolar em sacrifício o próprio filho, Isaac, ao qual não se furta, embora não tenha executado o ato. Em épocas mais recuadas (até cerca de 700 a.C.) a religião não era um princípio unificador. Mesmo nas cidades constituídas, em que havia unidade política, a religião era principalmente familiar, ou seja, baseava-se no culto aos ancestrais (“manes”), culto este individualismo e restrito à família. Conforme diz Coulanges, “De acordo com as mais antigas crenças dos itálicos e dos gregos, a alma não passava sua segunda existência em um mundo diferente do em que vivemos; continuava junto dos homens, vivendo sobre a terra” (Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, pág. 36). Ainda: “Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos

vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou aos sentimentos mutáveis dos homens; era obrigatório. “Estabeleceu-se desse modo uma verdadeira religião da morte, cujos dogmas logo se reduziram a nada, mas cujos ritos duraram até o triunfo do Cristianismo” (Fustel de Coulanges, *idem*, pág. 43). Cristo, pelo sacrifício da própria vida, aboliu todos estes sacrifícios cruentos, trocando os por um sacrifício simbólico: a liturgia eucarística, traduzida em uma refeição comunal. Mesmo no AT, entretanto, podem ser encontradas censuras aos sacrifícios cruentos. Por exemplo, em Is 1, 11: De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Este culto dos mortos teve uma influência tão grande na vida dos povos antigos que chegou a influenciar a sua organização social e jurídica. Os próprios judeus, ainda que tivessem o monoteísmo por princípio, era dominado por crenças populares em bons e maus espíritos, crença esta que podia chegar às raias da mais inacreditável superstição. Acreditavam que as doenças e enfermidades em geral eram devidas a espíritos malignos e perniciosos, os quais se dividiam em múltiplas categorias e que passavam o tempo perambulando e atacando as pessoas. Também a origem das calamidades naturais, tal como

raios, granizos, incêndios, más colheitas e outras mazelas eram devidas a estes maus espíritos, que se compraziam em fazer o mal. Para conjurá-los, faziam exorcismos e usavam fórmulas mágicas ou talismãs. Ainda que combatidas pelos profetas, estas crenças e práticas perduraram até a época de Cristo. Cito aqui estas passagens para mostrar que o cenário religioso na época de Paulo não era fácil; além do culto aos antepassados e das várias religiões organizadas (inclusive a própria religião judaica, da qual ele foi obrigado a se afastar), havia, como mostramos, todo um complexo de superstições e crenças que saturavam o imaginário popular. [Este cenário mostra, também, as dificuldades que qualquer pregador enfrentava quando se dedicava à conversão destas gentes].

A Teologia Paulina

Como já mencionado, Paulo ficou dividido no início de sua pregação. Deveria pregar aos judeus, aos gregos convertidos ou aos gentios? Como vimos também, sua decisão sobre esta questão surgiu a partir da própria rejeição que ele sofreu da sinagoga, conduzindo-o definitivamente à preferência pelos gentios. Segundo uma crença popular, o homem tinha mil demônios à sua esquerda e dez mil à sua direita. Os bons espíritos eram subordinados a Yahweh; os chefes dos espíritos do mal eram chamados Azazel, Azmodeu e Belzebu. Mas o que

Paulo realmente pregava? Qual era realmente o conteúdo de sua pregação doutrinária? O que ele ensinava oralmente aos batizados? Embora a resposta pareça fácil, ela pode na verdade se mostrar bastante evasiva. Na verdade, o “Paulo” que conhecemos mesmo realçado pelo brilho das epístolas, permanece unidimensional devido à penúria de fontes literárias. Sua biografia é paupérrima, e entre outras coisas, sequer jamais poderemos conhecer a dimensão real de sua gigantesca obra missionária. É claro, a teologia “paulina” oficial é bem conhecida. De acordo com o D.E.B., “As fontes da teologia paulina” são: (1) Sua fé judaica farisaica, que ele guardou intacta em muitos pontos: a fé em um só Deus, criador e governador do céu e da terra, que na [Sagrada Escritura] fala a seu povo e no fim do mundo aparecerá como juiz e rei de todos os homens para punir ou premiar cada um, segundo os seus méritos; a ressurreição dos mortos; a fé em anjos e demônios; sua antropologia (Espírito; Homem; Carne; Alma); as idéias principais de sua moral (Decálogo) (D.E.B., verbete: Paulo, III, A, (2). Pág. 1146). Alguns exegetas acreditam, no entanto, que o conteúdo dos ensinamentos ocultos de Paulo não ficou totalmente perdido, podendo ser recuperado parcialmente. Na verdade, é possível que das epístolas conhecidas, duas delas possam ter este conteúdo doutrinário procurado. Para Andrew Welburn, “A assim chamada ‘Epístola aos Efésios’ não possui nenhuma das ca-

racterísticas de uma carta e pode não ter nada a ver com Éfeso.” “Da forma como aparece em muitas das traduções modernas, claro, é endereçada por Paulo, o apóstolo, àqueles que aderiram ao cristianismo (ou ‘santos’) em Éfeso; mas muitos dos manuscritos confiáveis não possuem as palavras ‘em Éfeso’ e podemos ter certeza de que elas não figuravam lá nos primeiros tempos do cristianismo”. (...) “Excetuando a nota ao final do capítulo 6 dos Efésios recomendando seu amigo Tichico, não há nada que sequer sugira o estilo ou tom de uma carta”. Pelo contrário, a linguagem de Paulo é elaborada de forma não usual, é genérica e exaltada, empregando palavras raramente encontradas em suas cartas, e desenvolve conceitos apenas tocados nos contextos urgentes de seus outros escritos. E, ainda assim, a voz que fala através da linguagem parece ser a do autêntico Paulo. Uma vez abandonada à suposição de seja uma carta, fica fácil observar que o trabalho é de certa forma endereçado aos seguidores de Cristo, lembrando-os em termos grandiosos do assunto de sua fé e levando-os a comprometer-se, não apenas contra a resistência da história, mas também contra a resistência da realidade cósmica” (Andrew Welburn, *As Origens do Cristianismo*, págs. 233/234). Esta epístola parece ser uma daquelas que se destinavam ao ensino “interno”, e, como afirma Welburn, devia ser uma das destinadas aos batizados na fé. Continuamos citando-o: “Paulo continua o discurso realçando ainda

mais a qualidade ‘interna’ do que tem a dizer”. Ele fala àqueles, segundo afirma, que foram ‘selados’ na promessa do Espírito Santo. Selar era um procedimento técnico nos Mistérios, talvez envolvendo gestos de mão e sinais sagrados, mas servindo acima de tudo para separar dos profanos aqueles que tinham passado pela iniciação. À medida que prossegue, descobrimos que Paulo está lembrando aos cristãos iniciados de tudo que experimentaram. Pede que mantenham suas experiências na consciência, realçando sua suprema importância e seu lugar no mistério cósmico (Andrew Welburn, *idem*, pág. 236). Para Paulo, o batismo tinha muito mais do que o simples significado da admissão a uma comunidade; significava também que o candidato estava dando um passo imenso em sua vida, perfilando nas fileiras do Cristo. O batismo, como um renascimento, seria como uma âncora lançada profundamente na dimensão espiritual, tornando o neófito capaz de lutar para colocar-se acima das vicissitudes humanas. Ainda Welburn: O discurso de Paulo aos iniciados nos proporciona uma visão profunda do caráter e humor das comunidades que o ‘apóstolo dos gentios’ fundou e de que cuidou. Longe de ser apenas um gesto simbólico de inclusão, ou mesmo sendo comparável às cerimônias judaicas de boas-vindas aos prosélitos (convertidos), o batismo das igrejas paulinas era no sentido mais completo uma iniciação, exigindo uma transformação extensiva da personali-

de e da vida espiritual” (Andrew Welburn, *ibidem*, pág. 237). Quando Paulo começou a se afastar da sinagoga, optando por pregar aos gentios, e quando renunciou ao costume da circuncisão. A circuncisão prescrita pela Lei Mosaica é um dos ritos mais antigos do povo hebreu, e que ainda perdura. É tida como um sinal de aliança entre eles, como povo eleito, e Yahweh, que os escolheu. É realizada no oitavo dia após o nascimento. Mas sua prática era também comum entre os fenícios e os antigos egípcios, que possivelmente o aprenderam dos etíopes. A circuncisão é também um rito comum entre os islâmicos. Também foi no passado, e continua sendo até hoje, praticada por várias tribos da África, onde é considerado um ritual secreto, de iniciação aos mistérios e tradições, e também um rito de passagem (por ser praticada na adolescência), pelo quais rapazes e moças são admitidos em suas comunidades, como adultos responsáveis. A circuncisão é como um segundo nascimento, e o candidato, após a mukanda (circuncisão), sai do ritual como uma pessoa diferente. A transformação simbólica conferida por esta iniciação é tão poderosa, que ele (o neófito) sente-se uma nova pessoa. Para autenticar esta transformação, ele sai inclusive com roupas novas. Durante a cerimônia, que é uma operação realizada em sigilo, todo um ensinamento oral é repassado ao candidato, que toma conhecimento das tradições de sua tribo, de seus antepassados, de suas migrações, de seus inimi-

gos. Em seguida, ele é inteirado de seu papel como propagador da espécie, como deve escolher a sua noiva, seu papel junto à esposa e à família, a educação dos filhos. É todo um complexo de ensinamentos pragmáticos que o inteira de suas responsabilidades, de seus deveres e obrigações. Quando o negro africano jura pela sua circuncisão (n'etanda iange!), este juramento tem o mesmo sentido do juramento do cristão sobre a Bíblia. No caso das mulheres, a excisão é o corte do clitóris, operação ritual de mesmo sentido iniciativo que o dos homens. Após a operação, elas são consideradas aptas à procriação e à vida comunal. Para ambos os sexos, os candidatos devem permanecer virgens, e assim devem se apresentar ao ritual de iniciação do candidato. Este batismo tinha a forma de uma imersão ou de banho purificador, e era acompanhado de palavras rituais. Ao final, considerava-se que o batizado tinha “renascido em Cristo”. Como menciona Lewis Mumford, “O cristianismo tornou-se uma religião de mistério; nela se ingressava, não pelo nascimento ou residência, mas pela iniciação: o batismo e a comunhão da Ceia do Senhor eram os ritos principais” (Lewis Mumford, *A Condição de Homem*, pág. 76). Em Rom 6,3, e em Col 2,12, Paulo diz que o batismo nos coloca mortos e sepultados como Jesus, para que, assim como ele ressuscitou, também nós tenhamos uma vida nova.

VII – A DOCTRINA MÍSTICA CRISTÃ

A Dimensão Crística

Paulo, mais do que os discípulos diretos, percebeu claramente uma dimensão superior mística e misteriosa em Cristo, e não se cansava de proclamar sua concepção. Para ele, o mundo, em sua inteireza, destinava-se a Ele: Tudo que existe no céu e na terra deve ser renovado e unido, em um ser em Cristo. Como doador da verdadeira Vida, Cristo só poderia ser compreendido quando o homem pudesse expandir a própria consciência, até uma dimensão cósmica. E mais do que um Salvador individual, Paulo entendia que Cristo conclamava cada indivíduo a que participasse de sua própria salvação. Para Paulo, a iniciação pelo batismo era o primeiro passo daquela longa jornada rumo à plenitude, plenitude esta que somente se alcançaria submetendo a vontade individual à condução do Cristo. Andrew Welburn resalta em sua obra que, para Paulo, havia um sublime mistério no aparecimento de Cristo na Terra. Em carta enviada a tal Regino, este traça paralelos entre a iniciação pelo batismo, o sepultamento e a ressurreição de Cristo e os acontecimentos futuros a se darem na consciência do homem (humanidade), em sua própria natureza corpórea e no mundo material. Paulo chegou a ser acusado, por pesquisadores modernos, de ter mesclado

ideias gnósticas com o cristianismo primitivo, e sabe-se que alguns de seus escritos foram severamente censurados pelos primeiros Padres da Igreja. Entretanto, Welburn afirma que muitas dessas ideias já circulavam entre os essênios, e todos sabem como Jesus foi influenciado por esta seita (que contava João Batista entre os seus prosélitos). Por exemplo, quando Paulo proclama que o sofrimento e a glorificação do Filho do Homem podem e devem ser compartilhados por todas as pessoas, ele segue tanto o puro ensinamento de Jesus quanto ideias gnósticas e essênias. Causa espécie aos exegetas o conhecimento implícito da doutrina cristã possuído por Paulo. Ele jamais teve contato direto com Jesus; e com os discípulos, após a sua conversão, o contato foi muito breve. Isto não o impedia, contudo, de divulgar a doutrina em sua pureza, de um modo tal que chegou até a empolgar Barnabé. Nos ensinamentos de Paulo, Cristo se tornava o eixo e a meta da vida cristã, sendo que n'Ele deveriam convergir todas as coisas do céu e da terra: Para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra (Ef 1,10). Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas (Ef 4,10). Porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; 117 tudo

foi criado por ele e para ele (Col 1,16). A pregação de Paulo, como vimos, foi censurada não pelos seus desvios da doutrina de Cristo, mas principalmente devido à sua resistência em impor aos gentios os costumes judaicos. Conforme diz González Ruiz: “Já que Paulo foi o campeão do universalismo da fé, é lógico que o problema da invalidade ou relativização religiosa da circuncisão produziu enormes atritos nas primitivas comunidades cristãs, onde os judeus de origem tinham primazia sobre os de procedência pagã. Por conseguinte, não era apenas uma questão de simples ritos, mas de princípios universais” (José Maria González Ruiz, *O Evangelho de Paulo*, pág. 217). Lembramos também que a acusação oficial contra Paulo, que motivou seu apelo a César, foi a de ter profanado o Templo pela introdução de um gentio em ala proibida. Hierarquia celeste formada pelos Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos. Esta crença faz parte da teologia católica, tendo sido assimilada das crenças judaicas e zoroastrianas (que evidentemente, Paulo conhecia). Em várias passagens dos Atos dos Apóstolos¹¹⁸ e das epístolas¹¹⁹ Paulo informa, embora de maneira não elucidativa, sobre como foi inteirado dos mistérios e da doutrina cristã. Conta também em 2 Cor 12 de como teria sido “arreatado” ao Paraíso,¹²⁰ onde teria recebido os esclarecimentos sobre a doutrina (e outros mistérios, aos quais ele apenas alude). É possível, e

até bastante provável, que parte da doutrina mística paulina (e parte dos verdadeiros mistérios cristãos) tenha sido legada para a posteridade em um texto enigmático e misterioso que sempre causou celeuma: a Epístola aos Hebreus. Na tradução que fez do Novo Testamento, Frei Mateus Hoepers, OFM, na introdução que escreveu à Epístola, fala extensamente sobre os aspectos simbólicos presentes no conteúdo desta epístola. Para ressaltar este aspecto, tomamos a liberdade de transcrever uma parte substancial da introdução por ele escrita. “A estrutura da epístola revela um plano premeditado em que tudo converge para o fim colimado.” É sem dúvida um dos mais belos documentos da arte literária do helenismo judaico. O exórdio (1,1-4) se conta entre os textos mais sublimes da Sagrada Escritura. – Com grande solenidade anuncia o tema, o plano e o cenário de tempo e espaço em que se desenrola o drama do Antigo e Novo Testamento, tendo a sua consumação em Jesus Cristo, ontem, hoje e o mesmo pelos séculos. Por exemplo, em At 22, 14-15: Ele prosseguiu: O Deus de nossos pais escolheu-te para que conhecesses a sua vontade, e visses o Justo, e ouvisses a voz de sua boca; porque tu lhe serás testemunha, perante todos os homens, do que viste e ouviste. Conforme Gal 1,12: porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado; mas o recebi por revelação de Jesus Cristo; também em Ef 3,3: como pela revelação me foi manifestado o

mistério, conforme acima em poucas palavras vos escrevi. Paulo narra um obscuro e misterioso acontecimento, mais ainda do que aquele referente à sua conversão. Ele teria sido arrebatado em espírito, e teria visto diretamente ao Cristo. Teria também ouvido algumas estranhas revelações, algumas das quais afirmou que lhe não era lícito repeti-las. Aqui ele menciona “o terceiro céu”, ou “paraíso”, conceitos que não eram estranhos à cabala judaica e a religiões professadas em regiões próximas, tais como o zoroastrianismo: Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro céu. Sim, conheço o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei: Deus o sabe), que foi arrebatado ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis, as quais não são lícitas ao homem referir (2 Cor 12,2-4). Pela sua alusão, é possível que este episódio tenha ocorrido em 42 D.C. miniatura, o prólogo já encerra toda a epístola, apenas em ordem inversa. Pois, segundo a lei da concatenação, é tratado primeiro o que se anunciou por último e o desenvolvimento segue certa associação de palavras. “Na primeira parte as três subdivisões contêm cada uma 7 textos bíblicos, sendo a primeira um simples encadeamento de citações. Com perfeita simetria e crescente força e amplitude seguem a cada subdivisão um, dois, três apelos práticos, havendo no último mais três textos bíblicos. Desse modo à argumentação da primeira parte apresen-

ta 24 citações da Escritura. “Certamente não será casual que a segunda parte repete 24 vezes a palavra ‘fé’ = 7 vezes no tempo da criação do mundo até Noé, 7 vezes no tempo dos patriarcas, 7 vezes no tempo de José do Egito até a conquista da terra prometida e 3 vezes desde Raab, a meretriz, que foi a primeira não israelita a participar das promessas de Abraão até a consumação das promessas no tempo messiânico. Termina esta parte com 4 exortações como conclusões práticas. O último capítulo é uma peroração de toda a epístola que se ocupa com as diversas necessidades da comunidade. Em simetria com a estrutura anterior volta aqui no fim o ‘3 vezes 7’: 7 exortações à vida cristã, 7 exortações à fidelidade na vida de comunidade e 7 recomendações finais. “São frases breves e incisivas que ainda incutem ideias dominantes da Epístola” (Mateus Hoepers, OFM. Novo Testamento, págs. 536/537). Não terá escapado a muitos leitores o aspecto “numerológico” (diríamos até pitagórico, embora não tenha sido intenção de Hoepers ressaltar este aspecto) presente na epístola. Entretanto, não seria estranho se houvesse esta correlação. Como já mencionamos anteriormente, existia uma inter-relação entre as doutrinas essênias e o pitagorismo, e é quase certo que Paulo as conhecia. Tanto é assim que as comunidades cristãs formadas por Paulo tinham uma forte aparência com as comunidades essênias, quanto ao modo de convivência religiosa. Numerosos estudiosos

acreditam que os essênios chegaram ao nosso conhecimento através de contemporâneos do século I, como Josefo, Fílon e o geógrafo e naturalista romano Plínio o Velho, bem como da descoberta, em 1947, das ruínas da comunidade que formavam, incluindo a biblioteca sagrada ou os Manuscritos do Mar Morto. Josefo, aos 16 anos, ficou fascinado por esta comunidade austera e secreta: diz que eles praticavam grande santidade em um grupo extraordinariamente fechado (eles se amam muito entre si). Josefo e Fílon notaram com certo espanto que estes sectários praticavam rigoroso celibato, ao que parece porque tinham resolvido viver de acordo com as regras bíblicas para a guerra santa, que proibiam relações sexuais em tempo de guerra. Mas a guerra da qual vinham participando era a de Deus contra o poder do mal – a guerra cósmica que achavam que resultaria na confirmação por Deus de sua fidelidade. Os essênios entregavam também todas as suas economias e posses aos líderes da seita, a fim de viver sem dinheiro, como diz Plínio, em uma comunidade monástica (Elaine Pagels, *As Origens de Satanás*, pág. 86). E de acordo com o D.E.B.: A doutrina dos essênios concorda em geral com a dos fariseus; conforme Flávio Josefo, porém, tinham noção fatalista da providência, e pregavam sobre a alma uma doutrina alheia ao judaísmo. Além disso, possuíam uma doutrina secreta, reservada aos iniciados. Embora os elementos principais do instituto possam, portanto,

ser chamados judaicos, houve também indubitavelmente influências estranhas bastante fortes (Parsismo, Neopitagorismo?). “De fato, as tendências espirituais dos essênios sempre foram alheias à corrente principal do judaísmo oficial” (D.E.B., verbete: Essênios, págs. 490/491). Vários exegetas reservam-se o direito de não ver em Paulo um lado tão místico e até mesmo esotérico; na verdade, até repugna a muitos sequer considerar que possa existir um lado esotérico neste apóstolo. Mas antes de atribuímos um excesso de esoterismo a Paulo, ou mesmo de qualificá-lo de forma equivocada, talvez seja necessário esclarecer o que pretendemos dizer, quando insinuamos que há em Paulo um lado “gnóstico” e “esotérico”. Nas palavras insuspeitas do exegeta González Ruiz: “Paulo admite que o cristão seja um ‘gnóstico’, no mais alto sentido da palavra: possui um conhecimento perfeito, não apenas especulativo, mas prático-moral”. Esta gnose lhe permite ter um juízo seguro e exato sobre as coisas, com muito maior solidez que o gnóstico da filosofia helenística. Em virtude dessa gnose superior, o cristão formado, o ‘forte’, o ‘espiritual’, sabia que certas prescrições alimentares, tanto do judaísmo como do paganismo, não obrigavam a consciência. E, assim, por exemplo, era lícito comer das carnes sacrificadas a ídolos, 122 deixar a observância de certas festas judaicas, etc. “Segundo a moral estoica, ao gnóstico nada lhe restava a fazer, para se lançar decididamen-

te à ação” (José María González Ruiz, O Evangelho de Paulo, pág. 61). Quanto ao esoterismo, Frei Raimundo Cintra assim o define: “A palavra esoterismo pode ser tomada em duas acepções: 1) pode designar uma doutrina secreta administrada por um mestre a certo número de discípulos privilegiados, excluindo-se o grande público, considerado profano e radicalmente incapaz de penetrar os arcanos de uma doutrina sublime, mais fechada; 2) pode designar o aspecto interno de uma doutrina, cujos contornos externos são atingidos por muitos, mas cujo aprofundamento e verdadeiro sentido só são percebidos por um número reduzido de pessoas” (Frei Raimundo Cintra. Cristianismo e Esoterismo. Pág. 51). Idolotitos, ou carnes sacrificadas. Sublinhamos aqui as palavras que, acreditamos, servem com perfeição para a definição. Neste contexto, seu significado aponta para o fato de que o ensinamento esotérico não se destina com exclusividade a um pequeno número de privilegiados; significa isto sim, que apesar de estar ao alcance de todos, muito poucos podem realmente compreendê-los. Assim, para evitar más interpretações ou distorções mal intencionadas, procura-se dirigi-lo preferencialmente a quem possa entendê-lo.

A Epístola aos Hebreus

Todas estas longas explicações que fizemos são como que um exórdio para que possamos falar desta

epístola que mencionamos, e que é, em seguida ao Apocalipse (também chamado Livro das Revelações), um dos mais misteriosos livros do Novo Testamento: é a famosa Epístola aos Hebreus. Paira nesta epístola um ar de mistério que só pode ser explicado se considerar que ela realmente constituía parte da literatura doutrinária destinada aos “iniciados” cristãos. Nela é delineada a verdadeira dimensão do Cristo Cósmico, o “sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedek”. Em nenhum outro lugar dos textos bíblicos se encontra uma descrição tão grandiosa do pontificado de Cristo, cujo reinado é dividido em três fases: a preexistência divina e superior aos anjos; a humilhação e a consumação entre os homens; a glória final no templo celeste, “segundo a Ordem de Melquisedek”. Em Hebreus temos a volta desse personagem misterioso, Melquisedek. Este é um personagem cuja realidade paira continuamente nas tênues. Outro não é o sentido da exortação: Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para não acontecer que as calquem aos pés e, voltando-se, vos despedacem (MT 7,6). Já explicamos também em outra parte porque Jesus pregava em público por meio de parábolas. Sua importância pode ser apreciada pelo fato de ter recebido dízimos de Abrão (Abraão), mas mais ainda por ter sido citado como sacerdote do Deus Altíssimo. Se Abrão tinha a complacência do Senhor, Melquisedek tinha tal linhagem que mesmo Jesus

Cristo, no templo celeste, tornou-se sacerdote para sempre, segundo a sua Ordem: a Ordem de Melquisedek. Seu mistério e majestade, além disso, podem ser deduzidos das seguintes palavras: sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre (Heb 7,3). É citado duas vezes no AT, sempre no mesmo contexto, quando recebe os dízimos de Abraão e o abençoa. Sua primeira referência é em Gênesis: Depois que Abrão voltou de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma, no vale de Savé (que é o vale do rei). Ora, Melquisedek, rei de Salém, trouxe pão e vinho; pois era sacerdote do Deus Altíssimo; e abençoou a Abrão, dizendo: bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Criador dos céus e da terra! E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos! E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo. Então o rei de Sodoma disse a Abrão: Dá-me a mim as pessoas; e os bens tomam-nos para ti. Abrão, porém, respondeu ao rei de Sodoma: Levanto minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o Criador dos céus e da terra, jurando que não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu, nem um fio, nem uma correia de sapato, para que não digas: Eu enriqueci a Abrão; salvo tão somente o que os mancebos comeram, e a parte que toca aos homens Aner, Escol e Manre, que foram comigo; que estes tomem a sua parte

(Gen 14,17-24). Em seguida, novamente nos Salmos: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. O Senhor enviará de Sião o cetro do teu poder. Domina no meio dos teus inimigos. O teu povo apresentar-se-á voluntariamente no dia do teu poder, em trajes santos; como vindo do próprio seio da alva, será o orvalho da tua mocidade. Jurou o Senhor, e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedek. O Senhor, à tua direita, quebrantará reis no dia da sua ira. Julgará entre as nações; enchê-las-á de cadáveres; quebrantará as cabeças por toda a terra. Pelo episódio é apenas uma lenda “cultural”. É difícil crer, contudo, que um personagem sobre o qual se alegasse tal paralelismo com Cristo não teria insuflado acérrimas discussões teológicas já no início da cristandade. Se esta epístola, com o seu conteúdo quase herético permaneceu como parte oficial do texto evangélico canônico, deve ter havido um motivo bastante forte para isto. Ainda que citado duas vezes, é uma menção rápida, de passagem, que ao mesmo tempo em que abre a cortina sobre um personagem enigmático cerra-a de imediato, pois a narrativa que se segue já muda para outro contexto. Mas em Hebreus, também Cristo nos é apresentado sob uma nova concepção, mais vasta e abrangente: o mundo foi “feito para ele”, e os anjos (assim como os homens), O adoram, pois que Lhe são subordinados.

Ele é um sacerdote de altíssima hierarquia, segundo uma Ordem divina, e a sua escolha não foi feita pelos homens, senão por Deus mesmo. Os motivos para a instituição deste novo sacerdócio, “segundo Melquisedek”, podemos encontrá-los em Hebreus 7. Aqui, além do tema recorrente do sacerdócio no tabernáculo divino, encontramos também que isto se deveu à “fraqueza e inutilidade” do sacerdócio levítico, que não foi capaz de levar à consumação: De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (pois sob este o povo recebeu a lei), que necessidade havia ainda de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedek, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão? Pois, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei. Porque aquele, de quem estas coisas se dizem, pertence à outra tribo, da qual ninguém ainda serviu ao altar, visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo da qual Moisés nada falou acerca de sacerdotes. E ainda muito mais manifesto é isto, se à semelhança de Melquisedek se levanta outro sacerdote, que não foi feito conforme a lei de um mandamento carnal, mas segundo o poder duma vida indissolúvel. Porque dele assim se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedek. Pois, com efeito, o mandamento anterior é abrogado por causa da sua fraqueza e inutilidade (pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou), e desta sorte é introduzida uma melhor esperan-

ça, pela qual nos aproximamos de Deus (Heb 7,11-19). Ainda no tempo de Moisés, quando foi instituído o sacerdócio perpétuo, Aarão foi escolhido segundo a Casa de Levi. Este sacerdócio, no entanto, foi ab-rogado, em virtude de sua “fraqueza e inutilidade”, e por estar instituído por uma lei que se baseia na carne (Heb 7,16). De acordo com o que já vimos, o sacerdócio tinha o seu fulcro no ato do “sacrifício”, que nas épocas mais recuadas ainda recorria ao próprio sacrifício humano. A mudança de mentalidade tinha que passar por uma mudança nas crenças religiosas, firmando a fé em um Deus único e abandonando o pluralismo ou politeísmo. E a única pessoa que poderia realmente efetuar esta transição era Abraão. Abraão, profeta tão distante no passado que é difícil separar a figura humana da figura lendária, nascido Abrão, teve seu nome mudado por Deus. Alguns exegetas relatam o fato ligando-o a uma possível iniciação religiosa nos mistérios de Deus, que Abraão teria recebido. É sintomático que Abraão esteja ligado ao episódio das cidades de Sodoma e Gomorra, cidades destruídas em razão de sua impiedade e Conta a tradição que, na escolha do primeiro Sumo Sacerdote, Moisés escreveu em doze varas os nomes dos candidatos, um por cada uma das doze Casas. Na Casa de Levi foi escrito o nome de Aarão, irmão de Moisés e Miriam. As varas foram colocadas diante da Arca da Aliança, e a que florescesse daria o nome do escolhido. No dia seguinte, a

vara com o nome de Aarão tinha florescido. Além de Sumo Sacerdote, Aarão foi também o porta voz e profeta de Moisés. Abraão, Abraham, Ab-Raham. Este nome hebraico simboliza a fecundidade, a geração, o amor e o sexo, conforme se pode ver da sua origem etimológica, Raham: seio, entranhas, ventre, matriz, sexo. Também Rahamím: interior visceral, coração, amor, misericórdia. É também sintomático o episódio no qual se menciona o sacrifício do filho de Abraão, Isaac, que foi substituído por um cordeiro. Este episódio pode, de certa maneira, ser entendido como uma transição simbólica universal, ou uma iniciação universal, na qual o sacrifício humano devido aos deuses antigos foi substituído pelo sacrifício de animais. Tal sacrifício, denominado sacrifício propiciatório, ou sacrifício regenerador, estava disseminado por todas as civilizações mais arcaicas, que viam nela uma forma de manter a continuidade do mundo, mais do que uma forma de obter poder mundano pelo sacrifício de inimigos derrotados. Mesmo em civilizações tão recentes quanto às civilizações centro-americanas, este sacrifício era assim entendido. O Abraão, o primeiro patriarca do povo hebreu, foi prometido por Deus que ele teria uma descendência tão numerosa quanto à quantidade de estrelas no céu e os grãos de areia do mar. Abraão, como vimos, está ligado ao misterioso e enigmático personagem bíblico, Melquisedek, do qual se dizia ser rei de Salém e sacerdote do Deus

altíssimo. Abraão foi abençoado por Melquisedek e deu-lhe os dízimos devidos, conforme se vê em Heb 7,1. A Abraão foi anunciada a nova ordem de sacerdócio, segundo Melquisedek, porque o antigo sacerdócio levítico segundo Aarão, que era baseado na carne ao invés do espírito, não conduziu à consumação (Heb 7,11-19). Quando intimado a sacrificar o seu filho, Abraão não hesita nem um momento; mas antes de levar o cabo este ato, ele ouve do Anjo do Senhor: Abraão, Abraão! Não deixes cair tua mão sobre a criança, nem lhe faça mal. Agora, eu sei que temes a Deus, a quem não recusastes o teu filho único. É possível que a antiga ordem de sacerdócio, baseada na carne, conduzisse aos sacrifícios humanos, os quais se acreditavam, deleitavam aos deuses. É possível, também, que as iniquidades humanas que teriam conduzido à destruição do mundo pelo dilúvio poderiam tanto estar baseadas nestas práticas sacrificiais quanto na degeneração dos costumes. Nos cultos caldeus e cananeus, entre outros, era comum o sacrifício dos recém-nascidos; Jeremias combateu um costume comum. É possível que a antiga ordem sacerdotal tivesse procedido, em alguma época, ao sacrifício humano, que era um ato bastante comum nas antigas cidades-estados da região mesopotâmica. A transição para o monoteísmo, que se deveria cumprir na linhagem de Abraão, exigia uma profunda reforma religiosa que entre outras coisas aboliria este tipo de sacrifício. Para

Abraão, portanto, o sacrifício de seu varão não seria algo inaudito ou inconcebível. Por isto, devido à sua total confiança e submissão ao Senhor, o Anjo segura o seu braço e impede-o de consumir o sacrifício. Tal como num rito de passagem, Abraão, pelos seus atos e em sua própria pessoa, torna-se o arauto de uma nova era. Na colina de Moriah, ele ergueu um templo em honra ao Eterno. Foi nesta colina que Davi viria para implorar por um “coração puro”, e onde Jesus Cristo viria também para, com seu sacrifício, renovar a aliança, selando-a com o seu sangue. E, de fato, é Abraão (Ibrahim, para os árabes) quem inicia a linhagem real (de reis “ungidos”)¹³¹ que, passando por Davi, leva até Jesus Cristo (MT, 1,1-16; Lc, 3,23-38; Mc 12,35). Na Epístola aos Hebreus, como podemos ver, há uma como que cosmogonia religiosa, uma vasta epopeia espiritual que nos faz perceber como somos pequenos e míopes, no que se refere à dimensão divina. Paulo, em suas visões grandiosas e quando arrebatado ao “paraíso”, foi agraciado com um lampejo desta visão que abarca toda a história humana, e cujo pálido reflexo apenas podemos imaginar pela leitura desta epístola. Há, em sua visão, toda uma dinâmica espiritual, uma luta constante, incessante, cujo final conduz à vitória do espírito ou à amarga derrota na carne. Acerca deste tema temos em Hebreus uma espécie de alerta àqueles que, tendo de início acatado e seguido às palavras de Cristo, não mostrem zelo até o final e ve-

nham, finalmente, a se voltar contra elas. Para estes que assim se comportarem esta será uma verdadeira “queda espiritual”, pois que estariam como que realizando uma segunda crucificação; daí porque serão “rejeitados e queimados”. A presença de Deus na língua hebraica se expressa por diversas palavras: Shekináh, Fanuel, Kabôd Iahvéh, Imráh Iahvéh. Reis, profetas e sacerdotes deviam ser ungidos com óleo para marcar esta presença divina, ou a manifestação da Teofania. A unção com óleo, um gesto ritual, era designada pela palavra Mashash, que significa untar, massagear; designava se por Meshiah aquele que fora ungido. A palavra grega correspondente é Christôs. De Meshiah deriva-se a palavra Messias, daí o evangelista colocar na boca de Jesus: “Eu sou o Messias, eu sou Betel, eu sou o Ungido, eu sou a Shekináh”.

Post-Scriptum

Finalmente, como conclusão final à nossa tese segundo a qual há uma dimensão oculta e mística na pregação de Paulo, a qual podemos somente entrever através das entrelinhas do que escreveu, pode lançar mão também de uma passagem em Tess (sobre a parusia). Aqui, Paulo alerta para que os irmãos não se perturbem “nem por epístola” aos que alegam a proximidade do Dia do Senhor (ou Dia da Ira do Senhor, o Dies Irae), e

diz em continuação: Não vos lembrais de que eu vos dizia estas coisas quando ainda estava convosco?, como se a lembrar de que as verdadeiras lições eram orais, e não contidas em epístolas “como [se fossem] enviadas por nós”: Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos-vos, irmãos, que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto. Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, aquele que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus. Não vos lembrais de que eu vos dizia estas coisas quando ainda estava convosco? E agora vós sabeis o que o detém para que a seu próprio tempo seja revelado. Pois o mistério da iniquidade já opera; somente há um que agora o detém até que seja posto fora; e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus matará como o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda; a esse iníquo cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. E por isso Deus lhes envia a operação

do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na injustiça. Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos, amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a santificação do espírito e a fé na verdade, e para isso vos chamou pelo nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, pois, irmãos estejam firmes e conservai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. E o próprio Senhor nosso, Jesus Cristo, e Deus nosso Pai que nos amou e pela graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança, console os vossos corações e os confirme em toda boa obra e palavra (2 Tess 2,1-17).

Bibliografia:

I) *Literatura Religiosa:*

1. Abbagnano, Nicola - Dicionário de Filosofia. Ed. Mestre Jou. São Paulo. 1982.

2. Arrais, Amador (Frei) - Diálogos. Livraria Figueirinhas. Porto. 1944.

3. Ballarini, T. (ed) - Introdução à Bíblia. 2 vols. Editora Vozes. Petrópolis. 1974/1969.

4. Barbaglio, G. - São Paulo – O Homem do Evangelho. Editora Vozes. Petrópolis. 1993.

5. Cintra, Raimundo (Frei) - Cristianismo e Esoterismo. In: Revista Planeta, Maio/1977. Editora Três. São Paulo.

6. Cohn, Norman - Cosmos, Caos e o Mundo Que Virá (As Origens das Crenças no Apocalipse). Companhia das Letras. São Paulo. 1996.

7. Comblin, J. - Paulo, Apóstolo de Cristo. Editora Vozes. Petrópolis. 1993.

8. Coulanges, Fustel de - A Cidade Antiga (2 vol.). Edameris. São Paulo. 1966.

9. Eusebius - The History of the Church. Penguin Books. Harmondsworth, Middlesex. 1965.

10. F. Brasileiro, Emídio Silva - O Livro dos Evangelhos. Lúmen Editora. São Paulo. 2000.

11. González Ruiz, José María - O Evangelho de Paulo. Editora Vozes. Petrópolis. 1999.
12. Hinnells, John R. (org.) - Dicionário da Religiões. Editora Cultrix. 1978.
13. Hoeller, Stephan A. - A Gnose de Jung. Editora Cultrix. São Paulo. 1995.
14. Jung, C. G. - Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade. Editora Vozes. Petrópolis. 1979.
15. Keller, Werner - E a Bíblia Tinha Razão. Edições Melhoramentos. S/d. S/l.
16. Mumford, Lewis – A Condição de Homem. Editora Globo. Porto Alegre. 1958.
17. Pagels, Elaine - As Origens de Satanás. Ediouro S.A. São Paulo. 1996.
18. Pagels, Elaine - Os Evangelhos Gnósticos. Editora Cultrix. São Paulo. 1979.
19. Riffard, Pierre A. - Esoterismo. Editora Mandarim. São Paulo. 1996. Apóstolo Paulo no divã
20. Rops, Daniel - A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires. Tavares Martins. Porto. 1960.

21. Roth, Cecil - Pequena História do Povo Judeu. Fund. Fritz Pinkuss. São Paulo. 1962.
22. Schiavo, José - Dicionário de Personagens Bíblicos. Ediouro. São Paulo. 1965.
23. Souza, Rômulo Cândido de - Palavra, Parábola. Uma Aventura no Mundo da Linguagem. Editora Santuário. Aparecida. 1990.
24. Stott, John R. W. - A Mensagem de Gálatas. ABU Editora. São Paulo. 1989.
25. Stott, John R. W. - A Mensagem de Romanos 5-8. ABU Editora. São Paulo. 1988.
26. Suffert, Georges - Tu és Pedro. Editora Objetiva. Rio de Janeiro. 2001.
27. Swanson, Guy E. - A Origem das Religiões Primitivas. Ed. Forense. São Paulo. 1960.
28. Van Den Born, A. (org.) - Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Editora Vozes. Petrópolis. 1992.
29. Welburn, Andrew - As Origens do Cristianismo. Editora Best Seller. São Paulo. 1991.

(II) *Textos Bíblicos:*

1. A Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas.
2. A Bíblia na Linguagem de Hoje. Sociedade Bíblica do Brasil.
3. A Bíblia Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil.
4. Bíblia Sagrada. Trad. da Vulgata por Pe. Matos Soares. Edições Paulinas.
5. Bíblia. Texto Eletrônico (Thélos Associação Cultural).
6. Easton's Bible Dictionary. Texto Eletrônico.
7. King James Bible. Texto Eletrônico.
8. Novo Testamento. Trad. do grego por P. Dr. Frei Mateus Hoepers, OFM. Ed. Vozes.
Apóstolo Paulo no divã.

Índice

Prefácio do autor _____	6
-------------------------	---

CAPÍTULO I - A vida civil

de Saulo a Paulo _____	8
Início das Perseguições _____	14
A conversão _____	18

CAPÍTULO II - A vida religiosa

Início da Pregação _____	21
Primeiras Pregações _____	24
O Problema das Conversões _____	29
Novas Viagens _____	32
O Choque com a Filosofia Grega _____	38
Terceira Viagem _____	43
Continuação da Terceira Viagem _____	47

CAPÍTULO III - Martírio e morte

Prisão _____	51
Viagem a Roma _____	57
Morte _____	61
Quadro cronológico _____	63

Em Busca Do Paulo Apóstolo
CAPÍTULO IV - As epístolas paulinas

O Problema da Interpretação _____	65
Sobre as Cartas aos Coríntios _____	70
As Cartas Duvidosas _____	71
Sobre Outras Cartas _____	73
Diferenças de Interpretação _____	74
Querelas Doutrinárias _____	75

CAPÍTULO V - A doutrina de Paulo

A Pregação de Paulo _____	83
A Fé Segundo Paulo _____	86
Condenação dos Erro _____	93
Pregação Conforme o Entendimento _____	94
Paulo, Apóstolo da Modernidade? _____	97
O Legado de Paulo _____	103

CAPÍTULO VI - O esoterismo cristão

A Disciplina do Arcano _____	109
O Ensino Secreto de Paulo _____	114
A Teologia Paulina _____	120

CAPÍTULO VII - A doutrina mística cristã

A Dimensão Crística _____	126
A Epístola aos Hebreus _____	134
Post-Scriptum _____	143

Bibliografia

I) Literatura Religiosa _____	146
II) Textos Bíblicos _____	149

Este livro foi composto em ITC Slimbach pela
Editora Multifoco e impresso em papel offset 75 g/m².
